

Celebramos, desde logo, a rede que agora une a Universidade de Coimbra (Alta e Sofia) aos outros sítios espalhados pelo globo, considerados pela UNESCO como Património Mundial.

Mas também a imbricada rede intercultural na qual se tece a história da cidade de Coimbra – em 2014 comemoram-se os 950 anos da chegada a Coimbra de D. Sisnando. Sinal de que cultura, educação e diálogo intercultural andam necessariamente de mãos dadas.

Seguindo as redes da história de Portugal e galgando séculos, ligamos o momento de abertura proporcionado por D. Sisnando ao espaço de liberdade iniciado a 25 de abril de 1974, associando a Semana Cultural à festa dos 40 anos da Revolução dos Cravos.

Celebramos também as redes da contemporaneidade, com destaque para a World Wide Web, festejando os 25 anos da proposta de Tim Berners-Lee para a sua criação.

O tema das REDES desdobra-se para pensar as várias redes em que nos movimentamos ou que nos circundam – de trabalho, sociais, de solidariedade, familiares, dos afetos, do ecossistema, do universo, de transportes, da música, redes de investigação, redes científicas.

Entremos nas REDES, polissémicas, que nos vão ligar a este evento.



REDES _ SEMANA _ CULTURAL
UNIVERSIDADE _ DE _ COIMBRA _ 2014

1 _ DE _ MARÇO _ 1 _ DE _ MAIO

RUA LARGA



REVISTA DA REITORIA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 39
JANEIRO 2014

ESPECIAL
ORIENTE

RUA LARGA

PROPRIEDADE
Universidade de Coimbra

DIRETOR
João Gabriel Silva

DIRETORA-ADJUNTA
Clara Almeida Santos

COORDENAÇÃO • RL#39
Helena Rodrigues

APOIO À COORDENAÇÃO • RL#39
Ana Catarino

EDITORA
Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA
António Barros

FOTOGRAFIA
João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA
Henrique Patrício

PRODUÇÃO
Luísa Lopes

EDIÇÃO
Imprensa da Universidade de Coimbra
Rua Oliveira Matos, 29
3000-305 COIMBRA • PORTUGAL
Telef./Fax.: 239 832 982/3
Email: livrariaiuc@ci.uc.pt

IMPRESSÃO
G.C. - Gráfica de Coimbra, Lda

TIRAGEM
1.700 ex.

ISSN
1645-765x • A notado no ICS

CAPA
2013 © João Armando Ribeiro

www.uc.pt/rualarga
rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA
Loja UC
Livraria Virtual: <http://lojas.ci.uc.pt/imprensa>

EDITORIAL
Reencontro dos hemisférios - P.05
João Gabriel Silva

REITORIA EM MOVIMENTO
2013: novos olhares, novos horizontes - P.07
Joaquim Ramos de Carvalho

OFICINA DOS SABERES ATUAL
O Fórum para a cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa: balanço de uma década - P.10
Carmen Amado Mendes

Estudos Europeus em Macau: um constante desafio e um processo de aprendizagem contínua - P.14
José Luís Sales Marques

IMPRESSÕES
Japão
Pelo Oriente sem dicionários - P.18
João Paulo Oliveira e Costa

Timor
Impressões sobre Timor-Lorosa'e - P.20
Isabel Poço Lopes

Malásia
Povos Cruzados no Oriente - P.22
Luísa Timóteo

RIBALTA
Casa da Lusofonia - P.24
Joaquim Ramos de Carvalho

Centro de Indústrias Criativas de Macau - P.26
Lúcia Lemos

Do Sul ao Sol - P.28
Joaquim Ramos de Carvalho; José Pedro Paiva
José Augusto Cardoso Bernardes; Paulo Gama Mota

CIÊNCIA REFLETIDA
Ciência - Clínica - Formação - P.32
António Cabrita

AO LARGO ENTREVISTA
Carlos Monjardino - P.34
Marta Poiares

RETRATO DE CORPO INTEIRO
Eugénio Maia do Amaral
As palavras a Sol Nascente - P.43
Marta Poiares

CRÓNICA
Uma visão oriental: a China e Portugal - P.48
Yin Mengjia

Ao encontro da Indonésia - P.50
Ana Catarino

criação literária
Haiku - P.52
Manuel Portela

LUGARDOS LIVROS
O Oriente na Imprensa da UC - P.58

O Japão e a China na Biblioteca Geral da UC - P.60

APOCALÍPTICO E INTEGRADOS
Apocalíptico
Posta-Restante - P.71
Joaquim Magalhães de Castro

Integrado
Ver para crer - P.73
Ayano Shinzato



FUNDAÇÃO ORIENTE

A Universidade de Coimbra agradece à Fundação Oriente o apoio prestado à publicação da *Rua Larga - Especial Oriente*.



REENCONTRO DOS HEMISFÉRIOS

A inauguração da exposição *Do Sul ao Sol*, em Julho de 2013, nos espaços da Biblioteca Joanina e do Museu da Ciência, foi um daqueles momentos preciosos em que o passado, o presente e o futuro se encontram e se pode olhar para os desafios do amanhã com a segurança de sabermos que percorremos um caminho que já antes trilhámos com sucesso. A exposição ilustra a importância da universidade e da cidade de Coimbra no encontro entre a Europa e o Oriente ao longo dos séculos. A Universidade e o Colégio Jesuíta foram, em formas e tempos diferentes, locais onde confluíram pessoas, informação, conhecimento e objetos que transformaram significativamente estas culturas tão afastadas, enriquecendo-se no processo.

Esses fluxos e interações deixaram inúmeros traços nas nossas coleções e recordam-nos a importância do conhecimento aqui produzido e das pessoas aqui formadas na emergên-

cia de um mundo globalizado feito de distâncias encurtadas e diversidade de criativa. E recorda-nos, também, a importância que a língua portuguesa, idioma de trabalho das primeiras missões no Oriente, teve no contacto entre a Europa e a Ásia.

Essa combinação de pessoas, conhecimento, lugares e língua continua a estruturar a nossa visão do futuro em relação a espaços onde infelizmente a nossa presença tem sido menor nos últimos anos.

Quando, no dia 1 de Março de 2013, o prémio Universidade de Coimbra (UC) foi atribuído ao Embaixador João de Deus Ramos, também estávamos a expressar o reconhecimento a alguém que teve um papel pioneiro nas relações contemporâneas entre Portugal e a China e no arranque dos estudos orientais no nosso país.

A opção estratégica pelo reforço das ligações com a China, e outros países do Extremo Oriente como Timor-Leste e o Japão, é decisiva para o futuro pró-

ximo da UC. Sendo nós historicamente a universidade de referência para a língua portuguesa, e estando o interesse pela nossa língua em tão acelerado crescimento, em particular na China, acompanhando o rápido reforço que têm tido as relações económicas desse país com Portugal, tal como com os outros países de língua portuguesa, temos de (re)assumir um lugar central neste (re)encontro.

Dentro de poucos anos, estou em crer, teremos um elevado número de estudantes do Extremo Oriente em Coimbra, em todas as áreas do conhecimento. Muitos portugueses contactarão com esses países por nosso intermédio, e haverá muitas relações económicas e culturais potenciadas pela UC, de novo em papel de charneira neste encontro de mundos distantes.

João Gabriel Silva
Reitor da Universidade de Coimbra

2013: NOVOS OLHARES, NOVOS HORIZONTES

JOAQUIM RAMOS DE CARVALHO *

O ano de 2013 ficou marcado por um conjunto de iniciativas que mostram o papel crescente do Oriente na frente das relações internacionais da Universidade de Coimbra (UC). Novos protocolos de cooperação foram assinados e outros renovados com universidades na China, Japão e Tailândia. Esses protocolos darão origem sobretudo a novos fluxos de estudantes daqueles países em direção a Coimbra mas abrirão também canais para outros tipos de cooperação mais diversificada.

A atração pela língua portuguesa no Oriente é certamente um dos motores principais da intensificação deste tipo de relações interinstitucionais. E o interesse na língua deriva de um interesse mais diversificado pelos países que falam português e que têm no mundo de hoje um papel de relevo a vários níveis. A língua portuguesa assume um papel de facilitador de intercâmbios de pessoas, conhecimentos e relações a nível global.

Aqui se funda um interesse em paragens distantes por uma universidade que é uma referência do conhecimento da língua de Camões no mundo, posição que a classificação pela UNESCO da UC, Alta e Sofia como património da humanidade e a entrada nos *rankings QS World University* e Shanghai, reforça de uma forma extraordinária. Cada vez mais estudantes e instituições de países do Oriente vêm na nossa universidade o destino preferencial para um contato com portuguesa lusofonia na sua diversidade

multicultural, social e económica. E aqui encontram uma porta privilegiada de entrada na Europa, experimentando a dimensão quotidiana do uso da moeda única, a ausência de fronteiras em grande parte do continente e as vantagens de inserção num espaço europeu de ensino superior que lhes facilita o contacto com o conjunto de conceitos e práticas académicas que harmonizam os sistemas académicos nacionais da Europa, num vasto mundo de oportunidades formativas e de investigação.

É assim significativo que, quando passam cerca de cinco séculos dos primeiros contactos entre chineses e portugueses no Rio das Pérolas, a UC veja as suas relações com a Ásia a desenvolverem-se em múltiplas frentes relacionadas com a sua capacidade de fazer pontes entre diferentes regiões, culturas e sistemas económicos.

A exposição *Do Sul ao Sol* demonstrou como esse papel tem uma genealogia multiseccular e como, desde o século XVI, a UC e o Colégio Jesuíta, que junto dela cresceu, foram pontos focais de um diversificado fluxo de conhecimento, pessoas, gostos e sensibilidades que moldaram as culturas envolvidas. Durante meio ano os milhares de visitantes da UC puderam ver documentos, objetos e notícias biográficas relacionadas com a história secular das relações do Oriente com o Ocidente, em particular da China com Portugal e com a Europa, num processo em que a língua portuguesa assumiu um papel de idioma de contacto e facilitador da

comunicação multicultural, onde a ligação Macau-Coimbra teve um papel fundamental. O belo catálogo produzido conjuntamente pela Biblioteca Geral, Arquivo e Museu da Ciência, com o apoio da empresa Geocapital, fica como testemunho de uma realização de elevado significado para o futuro das nossas relações com a China. O sucesso da exposição, que revela muitos elementos até aqui desconhecidos desse passado de ligações intensas, levou ao projeto de a transportar, num formato enriquecido e renovado, a Macau em 2015 – iniciativa atualmente em análise pelo Instituto Cultural de Macau e pela universidade – e ao estabelecimento de um protocolo de cooperação com o Instituto Ricci, de Macau. Se a exposição *Do Sul ao Sol* foi um olhar sobre o passado e a riqueza das relações que encerra, os eventos do Dia da China, em Março de 2013 na UC, trouxeram uma visão do presente e sobretudo do futuro. O debate sobre “O Papel de Macau nas Relações da China com a União Europeia e os Países de Língua Portuguesa”, que contou com a presença de Sua Excelência, o Embaixador da República Popular da China em Portugal, Huang Songfu, e de diplomatas dos Países de Língua Portuguesa, políticos e representantes de fundações e centros de investigação dedicados aos estudos chineses em Portugal, foi um momento importante da reatualização do papel da UC enquanto lugar focal de reflexão sobre processos que se renovam continuamente. Esta mesa-redonda de alto nível, organizada pela Professora Doutora Carmen Amado Mendes, no contexto de um projeto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, decorreu em paralelo com uma série diversificada de iniciativas envolvendo estudantes de países lusófonos e estudantes chineses, que incluiu uma tertúlia sobre a lusofonia nas relações do Oriente com o Ocidente e constituiu a oportunidade de abrir, pela primeira vez, a Casa da Lusofonia à comunidade, com uma atividade para a qual está particularmente vocacionada.

A mesma mesa-redonda/debate serviu de motor para uma série de seminários sobre o Oriente, que já cobriu tópicos importantes na área do Direito, pela chinesa Doutora Wei Dan; das oportunidades de financiamento a projetos de investigação a cargo da Divisão de Apoio e Promoção da Investigação; e do posicionamento estratégico de Portugal em relação à China, pelo Professor Ming K. Chan. Foi ainda feito pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar um primeiro mapeamento de investigadores e projetos com interesses no Extremo Oriente e criados canais de informação e relações próximas com empresas, centros e agências de apoio. Este esforço levou a resultados que propiciaram desenvolvimentos futuros, que esperamos sejam significativos, como a criação pela Fundação Macau de bolsas de investigação para estudos sobre Macau e a China na UC, que apoiará um estudante de mestrado e outro de doutoramento da UC em investigações ligadas ao estudo sobre o território.

Na mesma direção se insere a assinatura de um protocolo com a Fundação Calouste Gulbenkian para o ensino da língua portuguesa na China, uma iniciativa que inclui outras instituições de ensino superior portuguesas. Em Setembro de 2013, a UC participou pela primeira vez na Feira de Educação em Macau e, em colaboração com o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal e com o Governo da Região Administrativa Especial de Macau, realizou uma sessão de reflexão sobre indústrias criativas e património cultural que esperamos seja o embrião de futuras iniciativas agregadoras de variadas parcerias envolvendo Portugal, Macau e a China. Importa referir neste contexto a participação da UC no *EU Academic Programme* (Macao), liderado pela Universidade de Macau, que conta com a participação do *Coimbra Group* de universidades europeias.

De olhos postos no futuro é importante ainda realçar que foram dados passos significativos para tornar um sucesso a realização do XX Congresso da *European Association of Chinese Studies* (EACS), em Coimbra, em 2014, uma organização em parceria com a Universidade do Minho. A visita dos membros da direção da EACS a Coimbra, em Julho de 2013 coincidiu com a abertura da exposição *Do Sul ao Sol* teve um papel importante para a afirmação da UC junto de instituições de relevo para a sinologia europeia.

Toda esta atividade foi suportada por uma intensificação dos contactos institucionais, tendo o Magnífico Reitor visitado Macau em Dezembro de 2013 e reunido com os representantes das diferentes instituições e entidades com que a UC colabora no território, nomeadamente a Secretaria para os Assuntos Sociais e Cultura do Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), a Universidade de Macau, o Instituto Politécnico, a Universidade de S. José, o Instituto de Estudos Europeus, o Instituto Internacional de Macau, a Fundação Rui Cunha e a Escola Portuguesa de Macau. A UC esteve também representada institucionalmente na inauguração do novo campus da Universidade de Macau e nos trabalhos preparatórios à IV Conferência Ministerial do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Fórum Macau) em Novembro de 2013.

A criação da Associação de Antigos Alunos da UC em Macau-China, que iniciará as suas atividades em 2014, é outro marco importante na consolidação da rede de relações pessoais e institucionais que terão um papel importante na consolidação da nossa presença no território e na China continental.

O ano 2013 foi também uma efeméride relevante para as relações de Portugal com o Japão, contando-se 470 anos da chegada à região, um evento que teve um impacto muito significativo na história japonesa. Logo em Janeiro teve lugar uma importante visita de Sua Excelência o Embaixador Nobutaka Shinomiya, abrindo-se novas

linhas de cooperação. A UC acolheu uma série de ações, largamente dinamizadas por estudantes, que se desenvolveram a partir de outubro sob a designação de Nambam 470 e deram visibilidade às oportunidades de cooperação académica. Tiveram lugar seminários sobre matérias variadas e atividades, envolvendo a comunidade e entidades externas, parceiros de universidades japonesas e especialistas de outras instituições portuguesas e, ainda, a presença do Ministro da embaixada Kazuhiro Fujimura. O foco das atividades foi centrado no desenvolvimento do interesse por aquele país na comunidade estudantil e envolveu de forma significativa os alunos japoneses em Coimbra. Ainda durante o ano de 2013 teve lugar uma visita de trabalho do Comité Diretivo do Programa SYLFF, gerido pela Tokyo Foundation e que procura estimular jovens estudantes de mestrado e doutoramento em ciências sociais e humanas a abordarem temáticas relevantes para a resolução de grandes desafios sociais. A UC participa no programa desde 1987, sendo uma das 69 instituições em todos o mundo que usufruem deste privilégio. Até ao presente o programa SYLFF já atribuiu mais de 300 bolsas a estudantes de Coimbra. Os bolsеiros SYLFF têm à sua disposição oportunidades adicionais de apoio a iniciativas de investigação ou incubação de projetos. A visita foi uma oportunidade de reavaliar esta importante linha de cooperação com o Japão e apresentar as iniciativas internas à UC que visam dar mais visibilidade a estas oportunidades junto da população estudantil. Finalmente, esta resenha da nossa atividade de internacionalização no que toca à Ásia não pode deixar de referir Timor Lorosa'e e o envolvimento crescente da UC na sua parceria com a Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL), que se encontra perfeitamente consolidada na área da Língua Portuguesa, com um mestrado de Língua e Linguística e com cursos de português para todos os alunos de pós-graduação da UNTL e cada vez mais na área do Direito, com a coordenação operacional do Mestrado



de Direito, que envolve várias universidades portuguesas. O balanço é positivo e propicia o alargamento a novas iniciativas, em particular na área do património e das relações internacionais.

A UC continua a expandir a internacionalização em várias frentes. O ano de 2013 foi seguramente de especial foco no Oriente, onde se jogará muito do que de novo se irá desenvolver a níveis de parcerias, atração de estudantes e incubação de novas áreas de investigação e ensino no futuro próximo.

*Vice-reitor para as Relações Internacionais da Universidade de Coimbra

O FÓRUM PARA
A COOPERAÇÃO
ECONÓMICA
E COMERCIAL
ENTRE A CHINA
E OS PAÍSES
DE LÍNGUA
PORTUGUESA:
BALANÇO DE
UMA DÉCADA

CARMEN AMADO MENDES *

10

RL #39 | OFICINA DOS SABERES



O Fórum de Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, também conhecido por Fórum Macau, porque o seu Secretariado Permanente está sediado nesta Região Administrativa Especial chinesa (RAEM), foi criado em 2003 no Ministério do Comércio em Pequim. Nele participam, para além da República Popular da China, sete países de língua portuguesa: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste. São Tomé e Príncipe não é membro, uma vez que tem relações diplomáticas com Taiwan e não com a China, embora seja convidado a participar como observador nas Conferências Ministeriais.¹ Estas Conferências constituem o ponto alto do Fórum, organizadas em Macau de três em três anos no outono, reunindo representantes de nível ministerial, e por vezes chefes de Estado ou de Governo, dos vários países membros. Estes representantes assinam, nessa altura, o Plano de Ação para o triénio seguinte, previamente negociado no Ministério do Comércio da China pelos Embaixadores dos Países de Língua Portuguesa, em Pequim. Os Planos de Ação desdobram-se, por sua vez, em Planos de Atividade anuais, aprovados na primavera no Secretariado Permanente, implementados com a ajuda dos delegados dos Países de Língua Portuguesa que trabalham no Secretariado, em colaboração com os pontos focais do Fórum Macau nos seus respetivos países.²

A quarta, e última, Conferência Ministerial teve lugar nos passados dias cinco e seis de novembro, sob o lema “Novo Ciclo, Novas Oportunidades”, comemorando o décimo aniversário da criação do Fórum Macau. A nível ministerial estiveram representados Angola, com o Ministro da Justiça e dos Direitos Humanos, Rui Manguieira; Cabo Verde, com o Ministro do Turismo, Indústria e Energia, Humberto Santos de Brito; e Moçambique, com o Ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Oldemiro Baloi. O Brasil enviou o seu Vice-Presidente Michel Temer e a Guiné Bissau o Primeiro-Ministro Rui Duarte Barros, enquanto Portugal e Timor-Leste se fizeram representar pelos seus Vice-Primeiros-Ministros: Paulo Portas e Fernando

Araújo, respetivamente. Do lado chinês, a Conferência contou com a participação do Ministro do Comércio, Gao Hucheng, e do Vice-Primeiro-Ministro Wang Yang. Numa cerimónia inaugural com cerca de 980 pessoas, incluindo membros do Governo da RAEM e representantes do Governo Popular Central da China, de Países de Língua Portuguesa, do Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau do Conselho de Estado, do Gabinete de Ligação do Governo Central na RAEM, membros do Conselho Executivo, deputados da Assembleia Legislativa de Macau, representantes das associações comerciais e empresários,³ Wang Yang, anunciou oito novas medidas do Plano de Ação para execução entre 2014 a 2016:

I. O governo da China continuará a conceder empréstimos em condições favoráveis, no valor de 1800 milhões de RMB, aos países lusófonos, destinados, principalmente, à construção de infraestruturas e projetos de desenvolvimento de unidades de produção, para apoio ao desenvolvimento económico e social de países africanos e asiáticos, membros do Fórum Macau.

II. O governo da China deseja partilhar a sua experiência adquirida e bem-sucedida no implemento de Zonas Económicas Especiais e Zonas de Desenvolvimento, incentivando as empresas chinesas, com base nos princípios de decisões próprias de operacionalidade segundo as regras de mercado, para, em conjunto com os Países de Língua Portuguesa interessados, promover o implemento de Zonas de Cooperação Económica e Comercial nesses países.

III. O governo da China irá apoiar cada país da África e da Ásia participante no Fórum de Macau na construção de infraestruturas destinadas ao ensino e formação, assim como doação de equipamentos de rádio, televisão e telecomunicação, e ainda um projeto de energia solar para iluminação pública.

IV. O governo da China, na base de melhor desempenho das vantagens dos países participantes no Fórum

³ “Cerimónia de abertura do ‘Fórum Macau’ e do 10º aniversário do seu estabelecimento”, Portal do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, 5 de novembro de 2013, http://portal.gov.mo/web/guest/info_detail?infoid=277825

de Macau, deseja intensificar a cooperação e o intercâmbio com os Países de Língua Portuguesa na área de desenvolvimento de recursos humanos. A China irá convidar 2000 pessoas dos países participantes da África e da Ásia no Fórum de Macau, incluindo trabalhadores estudantes de pós-graduação em projetos de formação. A China, de acordo com as necessidades reais dos Países de Língua Portuguesa, vai promover ações de formação nos Países de Língua Portuguesa, através de desempenhar ativamente o papel de Macau como plataforma.

V. O Governo da China irá oferecer 1800 quotas de bolsas de estudo aos Governos dos Países de Língua Portuguesa Participantes do Fórum de Macau, no sentido de incentivar e apoiar o intercâmbio de estudantes entre os Países de Língua Portuguesa e a China.

VI. O Governo da China irá continuar a desenvolver o intercâmbio e a cooperação com os Países de Língua Portuguesa, na área de saúde e medicina, com o destaque no próximo triénio, de 210 médicos aos Países Participantes da África e da Ásia no Fórum de Macau.

VII. Pretende-se utilizar a plataforma de Macau como ponto de partilha de informação, no intuito de criar uma plataforma em Macau para promover o intercâmbio de bilingues qualificados e promover a cooperação empresarial em vários domínios.

VIII. Perseguindo o objetivo de promoção da cooperação e o desenvolvimento comum dos Países Participantes no Fórum de Macau, e respeitando as vontades dos Países Participantes no Fórum de Macau, o Governo da China irá dar prioridades aos setores de educação e formação, agricultura, proteção ambiental, novas energias para estudar a cooperação trilateral entre a China e os Países de Língua Portuguesa, a fim de promover em conjunto o desenvolvimento económico dos Países Participantes no Fórum de Macau.⁴

⁴ “Wang Yang anuncia oito novas medidas de apoio ao desenvolvimento dos países lusófonos”, Portal do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, 5 de novembro de 2013, http://portal.gov.mo/web/guest/info_detail?infoid=277631

Estas medidas, que visam sobretudo os países africanos e Timor-Leste, foram anunciadas com o objetivo de contribuir para a nova meta definida pela China, para que o volume das trocas comerciais com os países de Língua Portuguesa ultrapasse os 160 mil milhões de dólares americanos em 2016.⁵ Outro aspeto a ressaltar é o facto do Vice-Primeiro-Ministro chinês afirmar que Pequim pretende continuar a utilizar a RAEM como plataforma da China para o Mundo Lusófono, reforçando o peso que na III Conferência Ministerial, em 2010, o ex-Primeiro Ministro Wen Jiabao atribuiu a Macau neste relacionamento. A criação em Macau de um centro de serviços de comércio para as pequenas e médias empresas, de um centro de distribuição de produtos alimentares e de um centro de exposições e convenções dos Países de Língua Portuguesa, na qual o Secretário para a Economia e Finanças do Governo da RAEM, Francis Tam, afirmou estar empenhado,⁶ é outro dos sinais de que este papel de plataforma tenderá a ser reforçado.

Para além das oportunidades comerciais imediatas que tudo isto pode oferecer, o facto deste papel de plataforma ser única e exclusivamente legitimado pelo legado lusófono que Portugal deixou naquela Região, concede-lhe um estatuto privilegiado neste diálogo entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Este estatuto oferece oportunidades no caso de se concretizarem ações no âmbito da “cooperação trilateral,” sugerida na 8ª medida anunciada por Wang Yang. A competência técnica e experiência que Portugal e o Brasil têm da cooperação em África é agora invocada pela China relativamente à formação de recursos humanos nos restantes Estados-membros do Fórum Macau, e muito poderia ser feito neste âmbito, nomeadamente através de programas de intercâmbio interuniversitário.⁷ A ideia de que a cooperação triangular deverá abranger setores como a educação e formação, poderá ser explorada pelas instituições portuguesas que conseguirem assumir este papel. A Universidade de Coimbra terá, com certeza, uma palavra a dizer.

* Professora de Relações Internacionais da Universidade de Coimbra; Membro da direção da *European Association for Chinese Studies*

⁵ Almeida, Fátima, “China lança medidas para ampliar cooperação”, *Jornal Tribuna de Macau*, 6 de novembro de 2013, p. 2.

⁶ Pimentel, Sandra, “‘Novas energias’ agradam a todos: Ministro do Comércio da China Sublinhou Abrangência do Plano de Ação” *Jornal Tribuna de Macau*, 6 de novembro de 2013, p. 4.

⁷ Ver: Sousa, Ivo Carneiro de (coord.), “Os Desafios do Fórum de Macau”, *Lusofonias*, Suplemento de Cultura e Reflexão do *Jornal Tribuna de Macau*, 5 de novembro de 2013, p. 6.

ESTUDOS EUROPEUS EM MACAU

UM CONSTANTE DESAFIO E UM PROCESSO DE APRENDIZAGEM CONTÍNUA

JOSÉ LUÍS DE SALES MARQUES *

余自萬曆癸未入都門聞兵部稽泰峯先生所藏名軍
思想帖快雪帖是時求一見不可得越廿年同家弟國旦
應試南都過惠山訪稽君之物盡棄幸而思想帖尚
存更有唐太宗鵝鵠誦出示神彩奕奕亦奇物也同家
弟泊舟數日竟以重價得之鵝鵠誦歸之新宇秘書恨
未刻名神物離散亦自有嘗他日會合又未可量耳文
敏公跋云奇物之難遇信哉文太史云何幸得附名于
後余自揣又何得以此回記顛末續刻帖中庶不自私矣

餘清齋主人吳廷謹跋



O curso de Mestrado em Estudos Europeus, oferecido pelo Instituto de Estudos Europeus de Macau (IEEM) em parceria com a Universidade de Macau (UMAC), desde 1997, foi um dos primeiros programas disponíveis na Ásia exclusivamente dedicados à temática da integração europeia.

Macau e a União Europeia (UE) estabeleceram um Acordo de Comércio e Cooperação que está em vigor desde 1993. Celebrado ainda sob os auspícios da administração portuguesa, a sua continuidade, para além da transferência de poderes em 1999, foi assegurada pela República Popular da China durante o período de transição, através do Grupo de Ligação Luso-Chinês. Na sequência desse acordo, o IEEM foi fundado em 1995 pelo Governo de Macau e diversos organismos públicos, como instrumento para a cooperação académica e cultural, e promover a divulgação da unidade europeia não só em Macau mas no contexto mais alargado da Ásia Oriental. Assim, e apesar de ser formalmente uma associação privada de utilidade pública, os objetivos que foram colocados ao IEEM foram, desde o início, bem mais ambiciosos do que a sua condição associativa faria suspeitar.

O Mestrado em Estudos Europeus (MES) beneficiou desse posicionamento, uma vez que foi concebido para, no contexto de Macau e da China, se debruçar do ponto de vista académico e da investigação científica, sobre a unidade europeia e as suas diversas vertentes de integração económica, política e o modelo social europeu. Como é óbvio, encontrando-se Macau em plena China e no continente Asiático, é dado grande ênfase à dimensão externa da UE.

Para dar corpo a um programa tão ambicioso, optou-se por dar prioridade ao recrutamento de docentes, maioritariamente europeus e de universidades europeias, que para além de impecável currículo académico tivessem experiência de trabalho nas instituições europeias ou em organizações de topo nos seus respetivos estados-membros. A lista de professores convidados para o MES, disponível na página eletrónica do IEEM (www.ieem.org.mo), atesta como temos sido coerentes com esses princípios. Como seria de esperar, encontram-se vários docentes Portugueses e com ligações a Coimbra, entre os quais Manuel Porto e Paulo Canelas e Castro. Pensou-se, então como agora, que para um curso fundamentalmente dirigido a alunos com poucos conhecimentos sobre a Europa e o processo europeu, e em regime intensivo, era fundamental que os docentes do programa fossem capazes de dar muito em pouco tempo, incluindo a visão por dentro do intrincado sistema de tomada de decisões a nível das instituições europeias.

O seu programa interdisciplinar foi organizado em módulos contendo disciplinas que abarcam as vertentes económica e financeira da UE, as suas políticas comuns, a sua relação com o mundo e o seu desenvolvimento

institucional. O enfoque do curso é o processo da integração europeia em toda a sua riqueza e com todas as suas consequências. Na sua versão atual, isto é referente ao ano letivo de 2012-2014, o programa possui quatro módulos, subdividido em 21 cursos, com a duração total de 357 horas letivas. O primeiro módulo aborda aspetos gerais relacionados com a história da integração europeia, o modelo social europeu, *governance* na UE, políticas públicas e métodos de investigação e escrita académica. O segundo módulo é dedicado à Economia, onde, como é óbvio, se inclui a união monetária, o terceiro à arquitetura institucional da UE e o quarto, sob a designação “Europa e o Mundo”, as relações externas da UE, a política de segurança comum e as políticas de vizinhança. A esses módulos, lecionados no primeiro ano do curso, segue-se a dissertação da tese de Mestrado, através da qual, o mestrando atinge um novo patamar na sua especialização.

Em termos curriculares, o MES é um programa único na Ásia e reconhecido em Portugal e na Europa através do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP). O que é frequentemente oferecido em muitas universidades e institutos da Ásia são programas centrados na história e culturas europeias, às quais se juntam uma componente linguística e, às vezes, de relações internacionais. A especialização que o MES apresenta é, em larga medida, o reflexo envolvimento do IEEM na sua configuração e do apoio financeiro que a Comissão Europeia deu ao seu arranque, ao contribuir para o seu financiamento no triénio 1999-2001, e à parceria com o Instituto de Estudos Europeus da Université Libre de Bruxelles.

O curso é frequentemente complementado com visitas de estudo às instituições europeias e alguns dos estados membros, com palestras várias e com a possibilidade dos alunos se manterem ligados ao programa e ao IEEM através da Associação [de antigos alunos] do Mestrado de Estudos Europeus, sediada em Macau. Se mais razões não existissem, a complexidade e dinâmica da integração europeia obrigam a atualizações constantes de quem quer ser genuinamente conhecedor dessa realidade. Como existem vários programas de intercâmbio de alunos e professores entre Coimbra e Macau, e a Universidade de Coimbra é parceira do consórcio liderado pela Universidade do Minho e ao qual o IEEM também pertence do programa cofinanciado pela UE “European Union Academic Program” (EUAP), gostaríamos de ver desenvolvida a possibilidade desse intercâmbio se estender ao MES. Coimbra tem grandes tradições em Estudos Europeus e Macau tem adquirido a sua quota-parte de experiência no ensino e investigação desse fascinante desafio que é o ensino de “Estudos Europeus” na China.

* Presidente do Instituto de Estudos Europeus de Macau (IEEM)

ပြည်ထောင်စု
 - ၀၀၅-၅၅၀၀၀
 - ၀၀၅-၅၅၀၀၁
 - ၀၅၅-၂၅၀၂၀

ရထား: ၀၆/ထွက် အချိန် စာရင်း: အစဉ် ရန်ကုန် မှ အစဉ်

ဘူတာ	၃၅	၁၅	၀၉	၁၅၅	၁၅၆	၆၀	၃၆
ရန်ကုန်	၂၁.၀၀	-	၀၇.၁၅	၁၈.၂၅	၀၆.၂၀	၁၇.၃၀	၀၄.၄၅
ပဲခူး	၂၂.၄၇ ၂၂.၅၀	-	၀၉.၀၂ ၀၉.၀၄	၂၀.၁၄ ၂၀.၁၉	၀၄.၁၃ ၀၄.၁၀	၁၅.၂၄ ၁၅.၂၂	၀၂.၄၅ ၀၂.၄၂
ကျိုက်ထို	၀၁.၂၇ ၀၁.၃၀	၁၇.၄၄ ၁၇.၄၇	၁၁.၅၅ ၁၁.၅၇	၂၃.၁၇ ၂၃.၂၀	၀၁.၃၀ ၀၁.၂၃	၁၂.၃၃ ၁၂.၃၁	၂၃.၅၅ ၂၃.၅၂
သထုံ	၀၃.၃၀ ၀၃.၃၃	၁၉.၄၇ ၁၉.၄၅	၁၄.၀၂ ၁၄.၀၄	၀၁.၂၅ ၀၁.၂၇	၂၃.၁၉ ၂၃.၁၇	၁၀.၂၉ ၁၀.၂၇	၂၃.၅၅ ၂၃.၅၂
မော်လမြိုင်	၀၆.၀၀	၂၂.၄၅	၁၆.၅၀	၀၄.၀၀	၂၀.၅၅	၀၈.၀၀	၁၉.၃၀
ရေ:							
ထားဝယ်							

အမှတ် ၁၁ အဆန် ရန်ကုန်
 " ၈၅ " ပဲခူး
 " ၈၉ " ရန်ကုန်
 " ၁၅၅ " ထားဝယ်

အမှတ် ၁၂ အစဉ် ရန်ကုန်
 " ၈၆ " ပဲခူး
 " ၉၀ " ရန်ကုန်
 " ၁၇၆ " ထားဝယ်

PELO ORIENTE SEM DICIONÁRIOS

JOÃO PAULO OLIVEIRA E COSTA *

Os povos da Ásia falam uma miríade de línguas. Se há países monolíngüísticos, como o Japão, a maioria inclui populações de falares diferentes, que podem chegar a mais de uma centena no caso da Índia e da China. Os novos meios de comunicação aceleraram um processo de homogeneização das línguas das capitais, como sucede hoje com o hindi e o mandarim, e a globalização ajudou a difundir o inglês como língua internacional. O mundo ocidental convenceu-se, assim, de que o domínio do inglês é condição suficiente para se viajar pela Ásia, o que é genericamente verdade, mas contém armadilhas perigosas. A herança colonial contribui para que não seja muito complicado circular pelas grandes cidades e sítios turísticos da Índia; nos hotéis e nos restaurantes, a comunicação também é fácil, enquanto não nos entranhamos no interior do país. No Japão, as infraestruturas têm sempre sinalização em inglês, mas sucede facilmente a conversa ser impercetível com um rececionista num hotel de cinco estrelas em Tóquio. Na rua, um jovem japonês que veja um ocidental tenta frequentemente entabular uma conversa básica só para cometer a proeza de dizer algumas palavras na língua dos *gaijin*. O inglês é, basicamente, uma língua exótica. No caso português, nas cidades de Goa e de Damão, podia viver-se em português antes de 1961, e o mesmo se pode dizer para Díli, mas em Macau a comunidade lusa (os católicos de origem portuguesa) nunca se envolveu com a comunidade chinesa que habitava a cidade e que foi sempre maioritária. Esta situação já nos é retratada pelas cartas anuais dos padres da Companhia de Jesus escritas no início do século XVII, e perdurou até 1999. O português nunca foi a língua predominante nas ruas de Macau. A minha experiência em Hong-Kong mostrou-me que, apesar

do seu crescimento como grande cidade internacional desde a sua criação em meados do século XIX, que esta cidade não fugiu à regra e que o inglês nunca foi a língua dominante na rua, independentemente da muita sinalética existente na língua de Shakespeare. E foi precisamente em Hong-Kong que tive a minha experiência mais complicada na conversa com gentes da Ásia, no já longínquo ano de 1991. Cheguei ao aeroporto vindo de Tóquio, depois de uma semana em conferências pelo Japão, sempre com o apoio de um tradutor da nossa embaixada ou estando com professores nipónicos que falavam português, e tendo passado poucos momentos sozinho na rua. O problema da língua não se colocara. No aeroporto de Hong-Kong aguardava-me um guia turístico para me levar desde aí até ao porto onde devia tomar o barco para Macau. Era noite, o avião descolara e voltara logo a aterrar com uma avaria mal explicada pelo *cockpit*, demorara mais de uma hora a reiniciar o voo e o cansaço era considerável. Além disso, transportava duas malas grandes, pois era viagem de três semanas e levava na bagagem muitos livros para acabar a conferência que ia apresentar em Macau. Era a primeira visita ao Extremo Oriente pelo que o apoio de um guia numa cidade desconhecida dava-me um sentimento de segurança. Saí com a tralha às costas (ou de arrasto) e consegui descortinar um chinês com um papelinho com o meu nome – era o meu guia! A alegria durou pouco, pois o meu “Hello” teve por resposta uns sons indecifráveis. Estupefacto, percebi que um guia turístico em Hong-Kong destinado a acompanhar um viajante português poderia não falar inglês. Falava cantonense? Mandarim? Não sei, mas tive que aplicar-me na linguagem gestual. Enfim, era só deixar-me levar

até ao cais e esperar que ele me apontasse um navio e no final da viagem os meus amigos estariam à minha espera, em Macau. A travessia de Hong-Kong demorou mais de meia hora e a troca de palavras entre mim e o guia foi sempre inconsequente, mas completada naturalmente por muitos sorrisos delicados. Finalmente, chegamos ao cais, e o guia chinês apontou-me um navio e falou muito, mas eu só percebi o gesto. Talvez ele julgasse que falava inglês... Mochila às costas, uma mala em cada mão, entrei para o navio apontado e instalei-me, mas ainda faltava cerca de uma hora para a minha partida, de acordo com os números (em algarismos indo-árabes!) constantes no bilhete. Mas muito antes da hora da partida, notei que o barco estava a iniciar os procedimentos para iniciar viagem, e assaltou-me um sentimento de insegurança. À falta de conhecimentos das línguas sínicas e tampouco da sua escrita, mostrei o bilhete a um funcionário e começamos a tentar comunicar. Finalmente, compreendi que o guia me tinha apontado não para o navio que me devia levar para Macau, mas apenas para o local onde o navio para Macau estacionaria mais tarde. Eu tinha entrado num navio para a República Popular da China e sem visto no passaporte estava condenado a (pelo menos) umas horas desagradáveis numa esquadra de polícia. Afogueado, saí do barco, mais as malas, e depois de uma curta espera entrei, finalmente, no navio certo que era uma espécie de casino ambulante. Em Hong-Kong, em 1991, um guia turístico não falava (minimamente) inglês...

* Professor Catedrático da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Director do Centro de História de Além-Mar

Impressões sobre Timor-Lorosa'e

ISABEL POÇO LOPES *

As fronteiras delimitam e dividem, mas não conseguem apagar identidades profundas. Timor-Leste e a cultura do povo timorense estão no coração dos portugueses, da mesma forma que os portugueses e a cultura portuguesa estão no coração dos timorenses – é isso que se sente, cada vez que se aterra em Timor-Leste e se convive com os irmãos e irmãs timorenses, pessoas com as quais sentimos ter convivido desde sempre. Só os laços históricos e culturais que nos ligam poderão explicar este sentimento, que é recíproco. Escrevo este texto em Díli, com o olhar posto no Cristo Rei e na ilha de Ataúro, e com um sentimento identitário de pertença vivido na primeira pessoa. Um dos aspetos dessa pertença encontra na língua uma das suas melhores expressões, ainda que não se possa dizer que se fala português em Timor da mesma forma que o podemos dizer em relação a outras paragens. Não obstante, a matriz está presente e é inegável que a língua portuguesa é um dos fatores de diferenciação histórica e cultural de Timor no contexto da região Ásia-Pacífico. Este facto, aliás, bastaria para insistir na língua portuguesa, e não no indonésio ou no inglês, para evitar que Timor se transformasse num país “periférico” da Indonésia ou da Austrália, as duas potências geograficamente mais próximas.

Mas este facto tem ainda outro e mais decisivo alcance. É precisamente na Ásia, continente em que se situa este país jovem, que conta com pouco

mais de um milhão de habitantes, que temos assistido a um extraordinário desenvolvimento do ensino do português, especialmente na China, mas também no Japão, na Coreia do Sul, no Vietname e na Indonésia.

Timor-Leste, aliás como Macau, tem por isso uma posição privilegiada para assumir a sua identidade no mundo e transformar-se num dos principais polos de divulgação (e ensino) da Língua Portuguesa no Oriente. A singularidade, ancorada na matriz histórica e cultural da língua portuguesa, torna-se uma oportunidade única.

E não será este um dos caminhos para dar à independência conquistada por Timor-Leste a solidez que só a consciência clara da identidade pode reforçar? Com efeito, como afirmava José Mattoso, em 2001, num artigo publicado no n.º 14 da Revista Camões, “a proclamação da independência é ela própria um momento muito importante do processo de conscientização coletiva da identidade, embora não seja suficiente para lhe garantir nem a força nem a sua clareza”.

O reconhecimento dessa identidade passa – sentimo-lo cada em cada conversa, em cada olhar, em cada gesto do nosso irmão timorense – pelo reconhecimento e respeito em relação à realidade babélica timorense, onde coexistem, para além do Português e do Tétum, línguas oficiais do país, o Ba'ikenu, o Bunak, o Fataluku, o Galolen, o Idaté, o Kairuil, o Kemak, o Lakalei, o Makasae, o Manbae, o Naueti, o Raklu'un, o Tokodede, o Uaima'a, etc, e ainda, naturalmente, o Bahasa Indonésio e o Inglês.

É neste contexto, aliás, que por vezes se manifestam na rua e na sala de aula diferentes vontades, muito marcadas geracionalmente: a obrigação de falar português para cumprir a Constituição do país, por um lado, a vontade de falar português, como uma escolha que assegura a pertença a um grupo e que o timorense entende que afetivamente o identifica e diferencia histórica e culturalmente, no contexto do continente asiático, em particular, e no mundo, em geral. Muito se pode fazer para continuar a alimentar e desenvolver esta última vontade, assim haja a consciência política de que a língua portuguesa permite resgatar a história e cultura timorenses e a afirmar da nação timorense no mundo globalizado. É necessário, por isso, dar passos estratégicos e bem planeados na cooperação entre as universidades timorenses e portuguesas, no sentido de tornar Timor-Leste, e a sua universidade pública em particular, no polo de desenvolvimento de uma língua e cultura que nos são comuns, não esquecendo e respeitando as diferenças que nos distinguem (desde logo as linguísticas) e a distância que nos separa.

* Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



POVOS CRUZADOS NO ORIENTE

*“Nussa linggu kum alma
nang podi kompra kum pataca.
Nus papia mutu tantu antigu,
linguasa di cinkocentu anu”*

*Noel Felix, natural de Malaca,
descendente de portugueses*

*A nossa língua e alma ninguém
pode comprar com patacas. Nós
falamos à antiga, há 500 anos.*

LUÍSA TIMÓTEO *

Cheguei a Malaca depois de passar por Timor-Leste, entre 2002 e 2005. Por motivos de trabalho como cooperante, tive o privilégio de percorrer os distritos, cruzando com o povo resistente que aguardava o regresso dos seus familiares desaparecidos como fantasmas ou deportados para a ilha de Ataúro, entre 1975 a 1999. Parti sem dizer adeus, porque a sua presença continuará dentro de mim, para sempre, como fonte de inspiração individual e coletiva na construção da fraternidade. Influenciada pela firmeza e convicções da valentia dos portugueses e suas descobertas pelos caminhos do mar, descritas e contadas pelo meu pai, visitar Malaca fazia parte de um dever a cumprir.

Ao visitar a cidade conquistada por Afonso de Albuquerque em 1511, deixei para último o Bairro Português de Malaca. Gente com traços e feições semelhantes aos nossos que não se perderam ao longo dos tempos. Ao afirmarem que eram *Portugueses de Malaca*, não escondi as lágrimas. Senti que aquele lugar, o bairro português esquecido e encontrado, também era meu. *Esquecido* por Portugal – lamentação da comunidade Lusa. *Encontrado* – pelos afetos, pela cultura e pela língua materna (linggu mai), transmitida oralmente, de geração em geração, falada em casa com as famílias. Afirmando: é neste Bairro, situado em Ujong Pasir, com vista para o Estreito de Malaca, que vivem cerca de três mil descendentes de portugueses, realojados aqui depois da grande dispersão a que a ocupação de ingleses e holandeses obrigou, para diversos locais, apesar de nunca esquecerem as suas raízes. Rezam em português ainda que não o entendam. Orgulhosos da sua ascendência, querem aprender o português moderno sem perderem a língua de Camões. Festejam os Santos Populares São João e São Pedro, o Natal, o Entrudo e a Páscoa. Na defesa da sua herança, muitos dos

nomes das pessoas e das ruas continuam a ser portugueses. Invocam Afonso de Albuquerque para manter a identidade desde o séc. XVI.

É relevante o comunicado divulgado pela UNESCO, que declara, em julho de 2008, *Malaca património da humanidade, uma cidade histórica dos estreitos de Malaca/Malásia que, durante 500 anos, criou uma herança multicultural específica que começou no início do séc. XVI*. Fazem questão que todos conheçam o pequeno museu, e que escrevam o nome no livro de visitas, que já conta com milhares de assinaturas. Tudo me ocorreu neste primeiro contacto. Procurava descobrir o que melhor teria para dar a cada um que abafasse o conflito negativo do esquecimento, bem como a resposta às solicitações: a visita do Governo de Portugal a Malaca/Malásia; a presença de professores para o ensino da língua; apoio aos quatro grupos de dança de Malaca. Deixei a promessa que levava para Portugal os afetos e o orgulho deste reencontro de irmãos portugueses, afirmando que jamais seriam esquecidos. Acreditaram. Na minha mente tudo ficou gravado. Na minha alma o desejo de encurtar o tempo. A esperança que lá deixei tornou-se prioridade. Na viagem de regresso a Portugal, em dezembro de 2005, rasunhava a carta a enviar ao Presidente da República, Jorge Sampaio, apelando ao reconhecimento duma comunidade portuguesa que de tão longe, e após tantos anos, honra Portugal, como grande nação e berço de Malaca. Em 12 de junho de 2008, é criada a Associação Cultural Coração em Malaca-Korsang di Melaka, reconhecida Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD). Pelo trabalho desenvolvido em parceria com o Instituto Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, pela Fundação Oriente, Empresa Logoplaste S.A. e com a Comunidade do Bairro Português de Malaca, vem desenvolvendo o projeto

“Povos Cruzados” (www.dikorsang.org). Com orgulho, afirmamos que Malaca está hoje no coração do mundo; que em setembro de 2009 voltou a ter a presença portuguesa, através de bolsiros para o ensino da língua e apoio à comunidade; que o apoio aos grupos de dança chegou através de um mestre de danças tradicionais portuguesas. Apesar da insistência da Korsang di Melaka a várias instâncias governamentais, está por cumprir o primeiro recado da comunidade, fundamental para a cooperação entre os dois países, Portugal/Malásia. Contamos com outros parceiros que fortifiquem a causa de Malaca, que passa pela preservação do património, pela promoção da cultura e da língua portuguesa e da continuidade do crioulo “Papiá de Malaca”. Dever de reconhecimento não só à comunidade portuguesa, como a Malaca/Malásia, que continua a anotar no registo de identificação de cada descendente a palavra “Portugis”, bem como a UNESCO, cuja classificação obriga à preservação não só dos monumentos, mas também de culturas e modos de vida, evitando a extinção da comunidade.

* Presidente da Associação Cultural
Coração em Malaca

CASA DA LUSOFONIA

JOAQUIM RAMOS DE CARVALHO *



Fotografias pág. 24: Sérgio Azenha

Inaugurada em Julho de 2013 e em funcionamento regular desde o início do ano letivo de 2013-2014, a Casa da Lusofonia da Universidade de Coimbra (UC) é um novo espaço polivalente localizado no Pólo I da UC que tem como missão facilitar a criação de pontes entre os estudantes dos países lusófonos e os estudantes nacionais e internacionais desta Universidade. Ocupando as instalações da antiga estação de correios da Alta, no edifício do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia, a Casa da Lusofonia tem uma tripla missão que se procura realizar de forma integrada. É, em primeiro lugar, a sede das sete associações de estudantes dos países lusófonos: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Timor Leste. Respondendo a uma solicitação antiga destas associações, a Casa da Lusofonia fornece condições de trabalho, arquivo e espaço para iniciativas de diverso tipo, possibilitando novas rotinas de trabalho um novo tipo de iniciativas que decerto terão um impacto significativo na realização da importante missão associativa que têm a seu cargo. Tem igualmente presença na Casa da Lusofonia a Associação de Estudantes



necessitam de interagir, funcionando como espaço de atendimento da Divisão de Relações Internacionais. Esta diversidade funcional baseia-se numa organização espacial flexível que inclui uma zona polivalente, configurável para tipologias diferentes de eventos envolvendo até 30 pessoas, uma frente de atendimento e uma zona de trabalho reservada com arquivos dedicados a cada uma das associações presentes. Estas três dimensões convergem num objetivo único: o facilitar o contacto e iniciativas partilhadas entre as associações de estudantes lusófonos, os estudantes portugueses e demais estudantes internacionais. É, assim, um espaço de partilha e comunicação que se insere de forma clara na estratégia de internacionalização da UC, que se centra na sua capacidade de ser um espaço de encontro entre o que de outra forma não se encontraria e no esforço contínuo de encontrar novas formas de realizar esse seu destino secular.

* Vice-reitor para as Relações Internacionais da Universidade de Coimbra

Centro de Indústrias Criativas de Macau

CREATIVE MACAU – Centro de Indústrias Criativas na Região Administrativa Especial de Macau, tem como maior objetivo divulgar as indústrias criativas locais: promover produtos inovadores, contribuir para a criação de oportunidades de novos negócios, dar a conhecer novos talentos artísticos e empresariais. O centro criou uma dinâmica muito própria ao realizar iniciativas diversas de carácter promocional, através de exposições de criações dos criativos locais e de formação através de seminários e *workshops* ministrados por técnicos estrangeiros e locais altamente qualificados.

Em 2003, o Instituto de Estudos Europeus de Macau (IEEM) fundou o *CREATIVE MACAU - Centre for Creative Industries* (CCI) - um projeto pioneiro em Macau, inspirado no modelo de mapeamento das indústrias criativas do Reino Unido que, com algumas exceções, se adequava perfeitamente a Macau. Fizemos um estudo junto de talentos e de empresas locais. Concluída a análise, determinámos as seguintes grandes áreas correspondentes a setores económicos e empresariais mais relevantes para Macau: Publicidade, Arquitetura, Artesanato, Design, Moda, Filme e Vídeo, Jogos Multimédia, Música, Artes do Palco, Atividade Editorial, Desenvolvimento de Softwares e Artes Visuais.

Antecipando a mudança provocada pelo crescimento abrupto de Macau – visível a partir de 2004 com a inauguração do primeiro grande casino – projetámos que o centro levaria à criação de uma plataforma de criativos jovens e arrojados, além de profissionais já estabelecidos, como fonte de contactos para as grandes unidades operadoras da indústria do jogo. A expectativa criada por novas oportunidades de emprego convenceu muitos jovens de Macau formados em universidades estrangeiras a regressar a casa, incluindo criativos das mais variadas disciplinas.

O CCI, como projeto de promoção dos criativos locais passou a ser um ponto de encontro e de referência. Os seus portfólios começaram a estar ao dispor de potenciais clientes nas páginas eletrónicas do *CREATIVE MACAU* (www.creativemacau.org.mo). A novidade do design feito em Macau passar a ter uma montra, o CCI, despertou tal

curiosidade que até agentes de estrelas da música “pop” e do cinema de Hong Kong procuravam aí encontrar objetos invulgares e inovadores: desde peças de mobiliário a acessórios de moda com design original. Esta agradável surpresa fez-nos acreditar na importância indiscutível de ideias inovadoras e interessantes.

Entre outras iniciativas, lançámos em 2006 um programa de exposições individuais para impulsionar mais criação e mais competitividade. Organizámos encontros entre criativos de diversas áreas, curadores, colecionadores, investidores e galeristas com o propósito de encorajar os criativos a produzir com regularidade.

No âmbito de programas interculturais, assinámos em 2009 dois protocolos com a INOV-Art (Ministério da Cultura) e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para acolhimento de estagiários nas áreas da gestão cultural. Foi uma experiência agradável e enriquecedora para as jovens estagiárias, de que muito beneficiou o centro. Também as produções audiovisuais despertaram o nosso interesse e, em 2010, lançámos o concurso anual *SOUND & IMAGE CHALLENGE* para profissionais e amadores com capacidades técnicas de design de imagem em movimento de design de som, cuja mensagem da produção teria características de “Campanha Publicitária” ou “Aviso de Utilidade Pública” ou “Anúncio”.

Foi também em 2010, que o Governo da Região Administrativa Especial de Macau anunciou a criação do Conselho de Indústrias Culturais e o Instituto Cultural de Macau estabeleceu o Departamento das Indústrias Criativas. Foi estabelecido um Fundo das Indústrias Culturais em outubro de 2013. As linhas de ação governativa para 2014, anunciadas em novembro do ano passado, prestam especial atenção à captação e formação de talentos, que motivarão a fixação destes no território e encorajarão o seu regresso a casa.

* Coordenadora do Creative Macau



• D • O • S • U • L •

SOLOS

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA E A CHINA

JOAQUIM RAMOS DE CARVALHO * JOSÉ PEDRO PAIVA ** JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES *** PAULO GAMA MOTA ****

Como bem lembrou recentemente Serge Gruzinski, algumas das representações que, durante o século XVI, os chineses elaboraram dos portugueses não os apresentavam em tonalidades positivas. As figurações que deles propuseram assemelhavam-nos àquelas que os próprios portugueses construía a propósito dos índios brasileiros.

Sentenças proferidas em Cantão, no ano de 1522, contra membros da delegação chefiada por Tomé Pires, que D. Manuel I enviou à China, designavam-nos por “ladrões pequenos do mar, enviados pelo grande ladrão, [que] falsamente vem espiar a nossa terra”. Mais tarde, surgiriam até descrições que figuravam os portugueses como canibais. Por volta de 1574, Yen Ts’ong-Kien, um dos responsáveis pelas audiências imperiais na corte dos Ming, em Pequim, numa

crónica intitulada *Chou-yu tcheou-tseu*, escreveu que os portugueses eram “gente que gosta de comer crianças”. Para o efeito, ferveriam água num grande recipiente, pondo à superfície “uma pequena criança numa gaiola de ferro” para a escaldarem. De seguida, raspar-lhe-iam a pele com uma escova de ferro e, com ela ainda viva, “matam-na, racham-lhe o ventre, retiram os intestinos e o estômago, e cozem [o corpo] a vapor”. Por fim, comiam-na.

Havia portugueses que o sabiam, como o humanista e polígrafo João de Barros, ou o dominicano Gaspar da Cruz. Este, no *Tratado das coisas da China*, explica que os chineses lhes chamavam “gente do diabo” (*fancui*).

É certo que os portugueses de Quinhentos não eram antropófagos, pelo que poderia espantar esta visão que



Enfiante para Cabelo • Designação local Chin-lan
Cantão, Recolha de José Alberto Corte Real, 1880
MCUC • ANT.M.74



alguns chineses deles tiveram. Mas ela entende-se melhor ao reconhecer que as intenções iniciais dos primeiros europeus a arribarem à China não eram de todo pacíficas. Na era das grandes viagens oceânicas ibéricas, enquanto os castelhanos se empenharam na conquista violenta de regiões da América Central, os seus vizinhos e criadores do primeiro império marítimo europeu, após a conquista de Malaca, em 1511, tentariam também dominar a China.

Desde o século XVI até hoje esta perceção foi radicalmente alterada. Em 2013, completam-se 500 anos desde que Jorge Álvares tocou a China. É data que justifica lembrança e reflexão. Ao longo deste tempo, foi-se criando e aprofundando um mundo global, rasgado, ainda que tenuemente, com as primeiras viagens e conquistas de portugueses e espanhóis. O mundo foi ficando cada vez mais aberto e marcado por diversificadas formas de mestiçagem e encontros entre habitantes de um planeta, onde as distâncias se encurtaram de forma vertiginosa, tão vertiginosa quanto a velocidade a que hoje circulam a informação e as pessoas entre territórios que, naquele século XVI, estavam a cerca de dois anos de viagem.

Boa parte do contacto entre Portugal e a China teve a mediação de Coimbra. Pelos que viveram nesta cidade e depois partiram para o império, em embarcações saídas de portos situados ao longo da costa mais ocidental da Europa, tal como os seus antepassados que aportaram na Índia (1498), Brasil (1500) e China (1513), alterando radicalmente os horizontes do Reino e o mapa geopolítico mundial em cerca de 15 anos. Mas a ligação estreitou-se e ancorou-se sobremaneira através dos imensos conhecimentos aqui forjados ou recebidos, os quais, especialmente nos séculos XVII e XVIII, aproximaram portugueses e chineses, através da mútua troca de experiências e saberes científicos (sobretudo nos domínios da matemática e astronomia).

Este processo não é indissociável da transferência definitiva da Universidade de Lisboa para Coimbra, ocorrida em 1537. Aqui chegariam, no decurso da década seguinte, estimulados pelo mesmo monarca que foi responsável pela vinda dos Estudos Gerais, um conjunto de padres da recém-criada Companhia de Jesus, os quais, em terreno cedido pelo rei, erigiriam o Colégio de Jesus e, mais tarde (1555), receberiam o encargo de governar o Colégio das Artes. Muitos dos que os viriam a frequentar acabaram por ser protagonistas incontornáveis da ligação à Ásia, onde, todavia, a sua principal intenção era a da missão. Pela mesma época, deu-se a chegada de outras ordens religiosas, que em Coimbra, igualmente, edificariam os seus colégios, a maioria deles em rua então aberta e cujo nome simboliza bem o que representava: Sofia, a rua da sabedoria. Desde então, a lusa Atenas, como, de súbito, principiou a ser designada por alguns humanistas, tornou-se pólo intelectual de criação cultural e científica, partícipe incontornável do processo de globalização.

O facto de não ter existido mais nenhuma universidade de língua portuguesa durante os quatro séculos seguintes - com exceção da de Évora, mas apenas dirigida aos estudos de Teologia -, reforçou a influência da Universidade de Coimbra (UC) durante gerações sucessivas, transformando-a num repositório incomparável de marcas do processo de construção do mundo moderno. Por outro lado, o papel conjugado da língua e de uma certa unicidade de formação intelectual da maior parte das elites lusitanas até 1910, moldou o espaço de influência portuguesa de forma *sui generis* (o português chegou a ser uma língua franca no Oriente) e essa especificidade tem em Coimbra a sua representação tangível e intangível.

Foi com o intuito de celebrar esta forte relação histórica entre Coimbra e a China que a Reitoria promoveu entre julho e dezembro de 2013, com a colaboração do Museu da Ciência, Biblioteca Geral e Arquivo da UC, a Exposição *do Sul ao Sol*, tendo por objetivo principal recordar a função mediadora destacada que esta academia teve no processo de conhecimento mútuo da China e da Europa. Para tanto, fez-se uma criteriosa recolha do riquíssimo património que integra diversas coleções conservadas nestas unidades da *Alma Mater Conimbrigensis*, o qual testemunha os eixos nevrálgicos desta relação.

Neste sentido, a mostra projetou-se em três núcleos que corporizam aspetos incontornáveis desta plurissecular história. O *Encontro* centrou-se nos alvares da chegada portuguesa à China, reconstruindo os modos como, através do papel de Coimbra, se processou o conhecimento daquela avançada civilização na Europa. A *Ciência* assinalou os intercâmbios ocorridos no plano científico, entre a China e o Ocidente, enfatizando o desempenho dos jesuítas nesse processo. A *Cultura* evidenciou a receção de formas, produtos e hábitos oriundos da China, bem como a conformação que acabaram por ter no gosto europeu.

Esta escolha foi devidamente ponderada. Encontro, Ciência e Cultura marcaram durante séculos o triângulo territorial que aqui se projetou e cujos vértices são: China, Coimbra, Europa. Não era este o único olhar possível para mostrar e compreender a poliédrica história que articulou estes espaços. É, todavia, uma visão plausível. E é essa, marcada por enriquecedores encontros nos planos da ciência e da cultura que a uma instituição de ensino superior, acima de tudo, compete promover. É esse desempenho que a UC quer reafirmar, para solidificar e aprofundar a sua longuíssima relação com a China, abrindo-lhe, mais uma vez, como sempre através da língua e do conhecimento, as portas do Mundo a Sul, Norte, Este e Oeste, com o brilho do Sol.

* Vice-reitor para as Relações Internacionais da Universidade de Coimbra

** Diretor do Arquivo da Universidade de Coimbra

*** Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

**** Diretor do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Texto introdutório do catálogo da exposição "Do Sul ao Sol: a Universidade de Coimbra e a China", patente na Biblioteca Joanina e Museu da Ciência de Julho a Dezembro de 2013

ciência clínica formação

ANTÔNIO SILVÉRIO CABRITA *

Nos últimos séculos, a Medicina deixou progressivamente os fundamentos filosóficos e passou a procurar sustentabilidade científica. Estamos agora a atingir uma fase em que a Química, a Física e a Matemática tomam progressivamente mais força na sustentabilidade da Medicina. Contudo, manifesta-se uma tentação de substituir o médico por uma máquina, reduzir o gesto médico a um simples procedimento técnico e ignorar a participação humana. Parece-nos demasiado evidente que a participação humana não pode, neste momento, ser substituída por uma máquina, nem o mais simples ato médico ser pré-definido em minutos. Temos aqui um princípio de incerteza, que torna impossível prever antecipadamente a duração da ação do médico e todas as suas componentes. Quando uma pessoa se apresenta para uma consulta médica transporta consigo todo o seu corpo, uma realidade não fragmentada e vai na procura de uma solução, a Saúde. A Medicina tem que se deslocar ao encontro das pessoas, tem de existir para servir apenas a Saúde. Cada vez mais a Medicina tem de ser entendida como uma prática de manutenção da saúde e de prevenção da doença, só depois como técnica de tratamento e cura, sempre como um ato desenvolvido com a participação ativa do doente. O exercício da Medicina não deve estar centrado na farmácia convencional, mas sim numa vida saudável, na higiene oral e corporal, no exercício físico e mental, numa alimentação equilibrada com alimentos saudáveis, no desenvolvimento de hábitos saudáveis e num ambiente saudável no trabalho, na habitação e no meio envolvente. O médico deve começar por ser um gestor de saúde e bem-estar, com capacidade para intervir na prevenção da doença e quando ocorrer doença no tratamento. O médico deve ser, ainda, um agente ativo de uma Educação contínua para a saúde das pessoas que acompanha.

Só seguindo este caminho será possível praticar uma medicina financeiramente conveniente e com eficácia

social. Só seguindo esta via será possível desenvolver um verdadeiro serviço nacional de saúde, tendo como base a prática de uma Medicina Preventiva e Familiar, uma Medicina Integrada onde todo o saber cientificamente validado é usado.

Para cumprir estes aspetos é necessário dar uma formação integral ao médico, uma verdadeira especialização humana para observar a pessoa no seu todo e inserida no ambiente envolvente. Uma formação que não cristalice o saber na utilização de máquinas de última geração. O ato médico tem de ser orientado para ajudar o doente a manter ou a recuperar a saúde, colocando a pessoa no centro do processo, e para usar todo o saber útil. Cada vez se torna mais evidente a necessidade do médico não ser apenas um repositório de conhecimentos, que seja desenvolvido para atuar como pessoa participante no processo. Esta realidade leva-nos agora para a necessidade de repensar a formação do médico, a começar pelos pré-requisitos da sua formação. Será que a Universidade Portuguesa está a formar médicos ou apenas simples técnicos obedientes às máquinas e às imposições administrativas, pouco desenvolvidos e por vezes incapazes de uma boa interação com as pessoas que os consultam? Com frequência fica-nos a ideia que estes agentes se afastam de todo o processo e se reduzem a prescritores ausentes. Alguém que memorizou uma lista de prescrições que aplica à doença como se ela tivesse uma existência fora do doente.

Hoje a ciência já demonstrou, claramente, que cada pessoa não pode ser reduzida a um simples corpo de automatismos, que é, antes de mais, uma mente interativa. Será que esta realidade já se reflete na formação do médico? Será que os novos desenvolvimentos do conhecimento científico não devem fazer mudar em parte a formação do médico?

Alguns falam hoje de uma medicina tecnologicamente avançada, o que não nos parece mau se for também parte de uma medicina humanamente avançada e de convergência social, não discriminando os utilizadores pelos seus recursos económicos. Parece-nos que não podemos esquecer o conhecimento nem a capacidade científica, mas temos de aplicar os recursos de acordo com as necessidades, avançando caso a caso, por etapas, com uma boa gestão dos recursos e sem prejuízo das pessoas. O médico tem de ser capaz de fazer um bom exame do doente antes de utilizar as máquinas, tem de ser capaz de estabelecer um bom plano de ação e determinar em que momento se pode justificar aplicar fármacos ou procedimentos mais dispendiosos, sempre sem prejudicar o doente.

Hoje está bem claro que num organismo equilibrado e saudável existe uma chegada adequada de informação e materiais, incluindo a informação intelectual e uma eliminação correspondente das matérias nas suas formas potencialmente prejudiciais ou das quantidades excessivas. Esta simples constatação leva-nos a concluir que nem todas as alterações se resolvem com a introdução de compostos químicos no organismo. Por este motivo começa a surgir um conjunto grande de procedimentos, por vezes designados de complementares, frequentemente já de uso há muitos séculos, que mostram excelentes resultados com uma boa diminuição dos custos financeiros e do sofrimento dos doentes.

Alguns destes procedimentos, já sustentados cientificamente, precisam de ser conhecidos dos médicos e têm de ser introduzidos nos *curricula* rapidamente. Os médicos não podem ignorar estes procedimentos que são aplicados frequentemente aos doentes que os consultam. Isto seria colocar os médicos muito distantes dos doentes e entregar parte do ato médico a terceiros.

A ação do médico tem de ser sempre de uma prevenção ativa e permanente, acompanhando o indivíduo e fornecendo um plano de atuação nas vertentes — alimentação, bebidas, atividade física e psíquica, ambiente no meio natural envolvente, ambiente no interior da casa onde vive e no local de trabalho. O médico deve ser sobretudo um gestor psicofisiológico do indivíduo e eventualmente da família, numa perspetiva de Medicina Integrada e Familiar, que deve ser o pilar de qualquer sistema nacional de saúde. A prescrição de fármacos deve ser entendida como uma medida de recurso quando a prevenção falha ou não é possível.

O médico deverá fazer um acompanhamento periódico não apenas com o exame médico mas, sobretudo, com uma avaliação global do indivíduo e o estabelecimento de um conjunto de planos, de atividade física de manutenção, de dietética, de controlo-interação ambiental, de

atividade integrada e hábitos, de prevenção, incluindo vacinação e rastreios.

A questão que temos de colocar é saber se a formação dos médicos está orientada para lhes permitir a atuação desejável com a base científica que temos e os recursos ao nosso dispor. Para ser bom não necessita de ser muito dispendioso financeiramente, precisa, isso sim, de ser mais humano. Nem sempre a tecnologia é útil e necessária; por vezes, o seu uso é uma tentativa de ultrapassar falta de conhecimento e capacidade humana. Contudo, o princípio da questão está na formação do médico. Necessitamos urgentemente de atualizar a formação do médico, não trocando o básico pelo detalhe, não trocando o que está ao alcance dos nossos recursos pelo que fica muito além.

* Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e Coordenador da Pós-Graduação em Acupuntura

33

RL #39
CIÊNCIA REFLETIDA

“A intervenção chinesa
[em Portugal]
não é um *bicho papão*”

34

RL #39 | AO LARGO
ENTREVISTA

ENTREVISTA

Carlos Monjardino

MARTA POIARES

Carlos Monjardino nasceu em Lisboa, a 22 de dezembro de 1942, estudou em Inglaterra, viveu em Paris, onde foi administrador do banco de Manuel Baulosa, e em Macau, em que pertenceu ao então governo português. Do seu gosto por colecionar e recuperar o quebrado, reza a história que dá início a uma vida sem ponteiros suficientes para marcar horas de desafios. De perfil discreto, mas de palavras convictas, assume os papéis de Presidente da Fundação Oriente, da Fundação Monjardino e da Fundação Stanley Ho, além de membro de outras fundações, e presidente do Banco Português de Gestão. Sem espaço para medos, é no Oriente que vê o peso da mudança e na China o seu principal motor.

Em entrevista à Rua Larga, João de Deus Ramos sublinhou que o peso do mundo se está a mover para Oriente, sendo que o motor dessa mudança de centro de gravidade geográfico do mundo tem muito a ver com a China. Concorda?

É óbvio que concordo. Acho extraordinário que as pessoas estejam agora muito surpreendidas com isso. Em termos económicos, a desindustrialização do Ocidente correspondeu, obviamente, a uma deslocação das indústrias todas para o Oriente. Começaram pela Europa de Leste, depois foram andando e, neste momento, estão a ser mais concentradas na China e não só, mas sobretudo na China.

E que repercussão é que pode ter essa mudança, no mundo e especificamente em Portugal?

Tem, obviamente, consequências. Não sou um fã da globalização, mas também não sou contra a globalização. Agora, a globalização não pode ser feita sem rede, sem limites. E nós fomos, claramente, além dos limites. A maior parte dos países ocidentais estava a concorrer com países orientais com armas diferentes. Quem sofreu largamente com a globalização feita assim – foi feita muito rapidamente, mas foi o que foi – foram os países ocidentais, porque as armas de que estou a falar – matrizes sociais, etc., – que aqui existem, como se sabe, não existem na China, nem noutros sítios.

Acha que estamos no caminho certo para fortalecer a relação entre Portugal e o Oriente?

Vamos dando passos importantes nesse sentido. Lembro-me de que, numa altura, tinha existido a possibilidade de ter feito mais relativamente a isso. Em 1986, eu estava em Macau, e foi posta a questão de saber se devíamos ou não pedir contrapartidas à China quando de lá saíssemos. Armados em não sei o quê, achámos que não devíamos pedir nada, isso passou, e perdemos a grande oportunidade. Foi uma grandíssima patetice, não foi outra coisa.

E falando de contrapartidas, o que diria às pessoas que criticam a venda pelo estado português de grandes empresas ao estado chinês?

Pondo as coisas terra a terra, Portugal precisa de dinheiro. Quanto a mim, está a vender algumas jóias da coroa. Agora, já assistimos aos CTT, além da REN e da EDP. Acho que, hoje em dia, já não se pode ter a chamada acção dourada, ou *golden share*, nas empresas, mas devia arranjar-se uma minoria de bloqueio que ficasse sempre, porque esta é uma minoria em acções que não permite aos outros accionistas fazer tudo o que lhes passa pela cabeça. Mas a tentação é grande, porque o dinheiro é necessário.

Há uma perda de autonomia perigosa?

É evidente que há. Mas essa perda de autonomia, com os chineses, não é tão perigosa quanto as pessoas julgam.

As pessoas veem essa intervenção um pouco como um bicho papão, não é?

Sim, mas a intervenção chinesa não é um bicho papão. Não é nada justo pensar nisto assim, porque os chineses são tudo menos



isso. Gostam de ter, por razões de estratégia, determinado tipo de posições em determinado tipo de países, no Ocidente. Não estou a falar só da energia, posso falar, por exemplo, também dos transportes marítimos, em que têm uma apetência especial, para assegurar que os seus produtos chegam a outros países. Mas os chineses não são ameaça nenhuma.

Considera que a Fundação Oriente – que fez agora 25 anos – veio desmistificar o mundo oriental e preencher uma lacuna, enquanto entidade de ligação entre Portugal e o Oriente?
Ai, isso veio, com certeza. Não devia dizer isto, mas também não era muito difícil, porque não havia rigorosamente nada. Qualquer coisa que se fizesse era bem-vinda. A Fundação foi um acaso: nasceu de uma vontade, como todas as fundações, do instituidor. E o instituidor, sendo o Stanley Ho, porque foi ideia dele, queria criar um fundo, ou seja, nem era sob forma de fundação. Depois, era preciso dar-lhe um objectivo. E esse objetivo tive eu de pensá-lo em 24 horas. E assim foi pensada, em 24 horas, a Fundação Oriente – uma fundação cultural com este perfil.

E conseguiu ocupar esse espaço?

Sim. Por razões de Política – Política com P grande –, achou-se que se devia, nos primeiros anos, fazer um discurso particularmente grande em relação a Macau e à China. Fez-se muito pouco em Portugal- algumas bolsas de estudo, mas muito pouco. Houve uma altura em que achámos que já chegava e, faz agora cinco anos, fizemos o Museu do Oriente. Não havia nenhum museu dedicado ao Oriente, em Portugal, o que não fazia sentido, tendo em conta a História que temos. Fizemos o museu, construiu-se o museu e o museu, hoje em dia, é um centro de actividade particularmente intenso. Às vezes, perco-me lá (risos).

A Fundação Oriente foi criada, mesmo que em 24 horas, com o propósito de realizar acções de carácter cultural, educativo, artístico, científico, social e filantrópico, em Portugal e em Macau. Acha que o tem vindo a cumprir?
Tem. Era uma fundação de cariz cultural e também um pouco social. Depois de 1999, em Macau, nós tivemos de mudar de ações, apontar em direções diferentes. Lá, essa parte social, por exemplo, passou a ser feita pelas autoridades locais. Em termos políticos, tem de ser assim. Aí, arredámo-nos um bocado. Eles têm meios muito importantes e não fazia sentido estarmos ali. Agora, contribuímos com coisas diferentes, em termos culturais: exposições e grupos musicais portugueses, lá; edição disto ou daquilo, etc.

Atualmente está a gerir três fundações.

Se calhar, até mais.

Centrando-nos nas três, digamos, principais: a Fundação Oriente, a Fundação Stanley Ho e a Fundação Monjardino - consegue cruzar estas três gestões, ou movem-se em mundos completamente diferentes?

Não são mundos completamente diferentes. A Fundação Monjardino é muito pequenina e está focalizada em miúdos. Eram, basicamente, os miúdos que eu – não posso dizer adotei – tutelei durante muitos anos. Fomos seguindo a vida deles e fomos ajudando, e continuamos a ajudar quando é preciso, esporádica ou pontualmente. Mas essa, basicamente, é só isso. O que não quer dizer que não ajude. Neste momento, e desde que a minha mulher morreu, a idade já não me dá hipótese de acompanhar os miúdos como acompanhava. A Fundação Stanley Ho tem uma acção social nos sítios onde o Stanley Ho tem interesses. Ou seja, na região do Estoril e na região Estoril-Cascais, e também no Montijo. E depois têm algumas coisas em conjunto com a Fundação Oriente. Se é fácil gerir as três? Relativamente.

Afirmou que os investimentos da Fundação Oriente são “muito de ordem social ou cultural. Uns são produtivos, outros estéreis - feitos com a ideia de manter o património do país.”
É, sempre foi essa a ideia. Mas quero-lhe dizer que hoje em dia temos um peso razoavelmente grande de activos não produtivos, o que é complicado.

Como assim?

Por exemplo, estou a falar Monchique. Estávamos à espera que as receitas, relativamente ao turismo, à exploração daquilo como conjunto de unidades hoteleiras fosse razoável. Não é. É um buraco. Ficámos com o Convento da Arrábida. O Convento da Arrábida não traz qualquer receita à Fundação. Temos de encontrar uma maneira de que passe a ser rentável. Sabe que as crises são boas, às vezes, para a gente repensar um pouco a estratégia. E tem havido já alguns resultados positivos, relativamente a isto, desde que não impliquem a despesa de pessoal, etc. Essa é que é a parte que queremos evitar.

Por falar em fundações, afirmou que o recente censo realizado pelo Governo ao universo das fundações do país foi mal conduzido e acabou por dar uma má imagem das fundações. A Fundação Oriente foi, claramente, uma das entidades que contestou o resultado da avaliação. O que é que critica nesse processo?
Ui! Estávamos aqui a tarde toda (risos).

Resumidamente, o que é que critica nesse processo?

O problema é que aquilo foi um censo feito sem senso nenhum. Absolutamente nenhum. Não sabiam avaliar. Não sabiam os dados ou quais os parâmetros. Não estou a falar por mim. Até vou falar contra mim. Por exemplo, a Fundação Monjardino estava mais bem classificada do que a Fundação Oriente e do que a Fundação Gulbenkian. Isto faz algum sentido? Nenhum. A Fundação para a Saúde, que era outra que era minha também, e que já tinha muito pouca atividade, estava mais bem classificada do que todas as outras. Isto é um disparate. Os critérios de avaliação foram estabelecidos por alguém que não fazia a mínima ideia do que era uma fundação.



Portanto, critica sobretudo o método de avaliação...

O método de avaliação, numa primeira fase. E a seguir, o diploma legal. Metem-se na vida das fundações, dizendo que não podemos ter um conselho de curadores ou que este deixa de ter os poderes que tinha. Isto é um disparate. E quando falo de fundações, falo de fundações privadas, que são as verdadeiras fundações. Porque as outras não são fundações, são institutos públicos mascarados de fundações. Puseram tudo no mesmo saco. E mesmo na definição que fazem de fundação privada, dizem que esta é uma fundação onde entidades públicas podem ter uma determinada participação, desde que não controlem a gestão. Não há participação pública nenhuma. Zero.

Qual foi o verdadeiro impacto da nova lei?

Veio alterar tudo isto. O conselho de curadores já não manda nada, quem manda é o conselho de administração. Ou seja, É o conselho de administração que praticamente faz tudo: faz o plano de actividades, faz o orçamento, aprova tudo, e depois dá conhecimento, se quiser, ao conselho de curadores. Será que é muito difícil dizer àqueles senhores ali na Assembleia que fizeram uma asneira e que agora têm de corrigir a asneira e andar para trás? Ninguém gosta de reconhecer um erro, de facto.

Falando do Museu, que mencionou há pouco. A criação do Museu do Oriente era um projeto muito seu. Quis fazer dele uma referência para Lisboa e para Portugal, e um marco europeu no reconhecimento da longa História das relações entre o nosso país com a Ásia. É assim que o vê, cinco anos depois?
É. No princípio, não em relação aos portugueses, mas aos estrangeiros, o Museu não era muito conhecido ou visitado. Hoje em dia, já é bastante mais. A partir do momento em que começámos a fazer exposições fora, começou a haver mais interesse pelo Museu. Estou convencido de que, com mais um esforço, que vai ter de ser feito em 2014, com a aposta na programação e na integração dos circuitos turísticos, mais pessoas vão ter conhecimento do Museu.

Há, ainda, alguma ignorância – e até algum preconceito – relativamente ao Oriente. Acha que com o Museu se marcou um novo ciclo?

Ah, marcou, com certeza. O Museu fez com que nascesse uma curiosidade muito grande relativamente ao Oriente. Por vezes, fico espantado com o número de pessoas que vão aos espetáculos da Índia, do Paquistão, da China. Depois, há outras culturas que conhecemos ainda pior, a nível do Médio Oriente, e que vão estar mais presentes. Estamos em contacto com fundações locais do Qatar, por exemplo.

Stanley Ho diz sobre si que “pensa como um português, fala como um inglês e trabalha como um chinês”. Consegue rever-se nesta descrição?

Consigo.

Em que sentido?

Pensar como um português não é muito abonatório... Mas sou português, penso, se calhar, como um português (risos). Falo como um inglês, porque vivi muito tempo em Inglaterra e falo inglês particularmente bem. E de forma pausada, aparentemente.

E trabalha como um chinês?

Ele habituou-se a ver-me trabalhar. Constatou que trabalhava muito quando estava no Governo, em Macau. Ficava até às três, quatro da manhã a trabalhar, se fosse preciso. E sabia-se disso, porque o meu gabinete era virado para a rua e via-se a luz acesa da janela (risos).

Dizem, também, que vive em contrarrelógio. E, por acaso, coleciona relógios. É uma maneira de guardar mais tempo? Não. De alguma maneira, é uma forma de expressão e de dispersão. E é complicada, às vezes, a execução, porque, enquanto as pessoas são novas, esta dispersão consegue ser controlável. Continuo a conseguir controlar alguma desta dispersão em termos de atividades que tenho. Há dias que estou aqui e aparecem-me problemas ligados à produção de vinho da Fundação Stanley Ho, ou depois estou a tratar de animais que precisam de ser ferrados, ou outra coisa qualquer, assim, louca. Mas divirto-me assim. E preencho a minha vida muito melhor assim, do que se estivesse a fazer uma determinada coisa.

E o que o faz correr tanto? Sei que não acredita na vida depois da morte, tem alguma relação com uma questão de limite temporal? Se calhar, é isso. É de saber que não há mais nada depois. Deve ser isso. E é uma questão de feitio. Não consigo estar quieto.

Ligado ao colecionismo de que falávamos, está o desejo de recuperação. É o toque de Midas, ou a tal compulsão de controlo e aversão à desordem?

Não tenho aversão nenhuma à desordem. Não gosto das coisas estragadas. Tento logo arranjá-las, eu próprio, se conseguir. Muitas vezes, não consigo. A maior parte das vezes, não consigo. Com os carros é a mesma coisa. Fui comprando, fui arranjando, fui vendendo. Tenho uma relação muito afetiva com as coisas, e com os carros, qualquer colecionador tem.

O desejo de recuperar estende-se até a empresas.

Gosto de recuperar tudo.

Aos 29 anos, foi...

... Fui recuperar um banco, fui. Não sei o que é que me passou pela cabeça, na altura, mas deve ter sido a melhor decisão que tomei na minha vida.

Porquê?

Porque aprendi, através da dificuldade, mas aprendi. É como se aprende melhor.

Como estava há pouco a dizer, também se dedica a projectos na área vitivinícola e na hotelaria, e sei que gosta de arriscar, mesmo tendo um perfil cerebral. Consegue equilibrar o risco e a estratégia?

Só uma palavra para lhe dar uma resposta: tento.

Tenta. Mas não é fácil.

Não é nada fácil. Sobretudo quando temos uma crise como aquela que estamos a viver neste momento. Aí, os dados do problema alteram-se completamente. Temos tido alguns problemas à conta disso. Quando a Fundação entra numa coisa, tem responsabilidades sociais acrescidas. E temos perdido muito dinheiro à conta disso. Eu não posso fazer despedimentos coletivos. Não faço. Tento chegar a acordo às vezes com as pessoas para reduzir um pouco a força laboral nas empresas, mas se não houver acordo do outro lado... Não consigo. Porque nós temos, de facto, por definição, uma responsabilidade social acrescida.

Considera-se um homem rico em consciência social?

Isso, apesar de tudo. Dirigi muito a minha vida, a partir de uma certa altura, para isso. A partir dos 50 anos, com a Fundação Monjardino, percebi que (e isto parece um bocado piroso)...

...Percebeu que tinha tido sorte na vida?

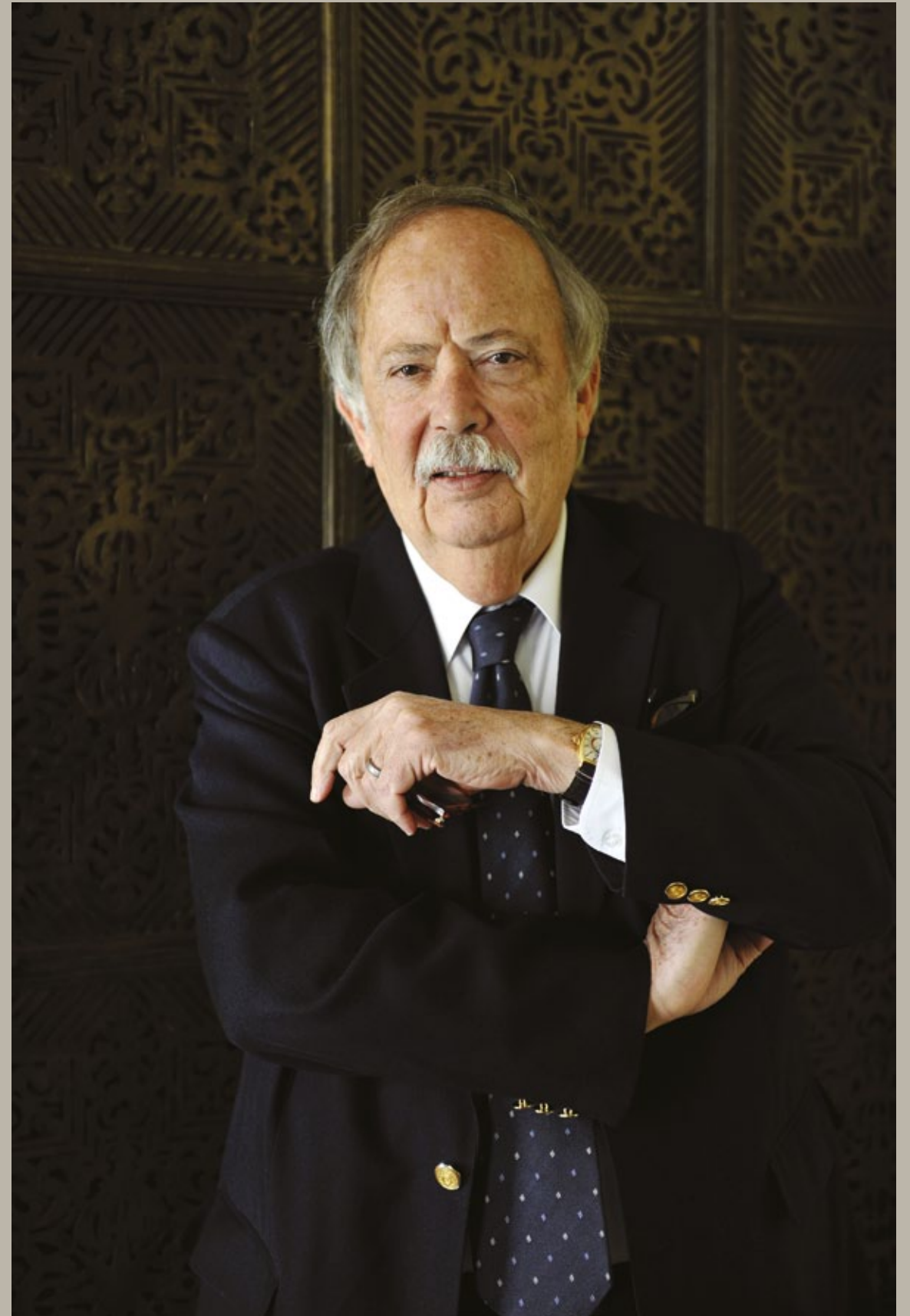
E tive. Tive muita sorte.

Achou que era altura de retribuir?

Sim. E continuo a fazê-lo agora, já tendo outros mecanismos, como por exemplo, a Fundação Oriente. Acho que toda a gente deveria ter um mínimo de consciência social. Como tive mais sorte do que a maioria das pessoas, certamente, achei que devia devolver um bocado essa sorte à sociedade. Mas, para mim, isto não foi sequer, como calcula, nenhum sacrifício, nem obrigação. É perfeitamente natural e acho que toda a gente o devia fazer. Não percebo as pessoas que têm muito, muito dinheiro. Não percebo, porque o dinheiro serve para termos conforto, termos coisas boas. Também as tenho, mas a partir de uma certa altura, acho que o dinheiro deve ser, de alguma maneira, redistribuído.

Comprou um barco em Hong Kong que faz questão de comandar. Se for preciso estar nove horas a comandá-lo, não se importa. Está ao leme de múltiplas embarcações e guia inúmeras viagens. Que horizontes se seguem?

Aquilo que de que acabámos de falar, relativamente à parte social, é a parte que me interessa mais continuar a fazer. E se tiver meios, que são sempre limitados, quero aumentar mesmo essas ações de carácter social e, ao mesmo tempo, ser crítico. Penso que alguém me ouve, senão não vale a pena, mas tenho de ser crítico de coisas que se passam mal neste país. E também, certamente, dizer quando as coisas se passam bem. Mas há coisas que podiam ser resolvidas se houvesse alguma coragem e se as pessoas não se agarrassem à política e ao poder.



Acha que é por isso que nos encontramos neste ponto de situação?

Estamos todos a passar por isto, agora, e sabemos que a crise não se pode resolver a curto prazo; tem de ser sempre a longo prazo. Estou perfeitamente de acordo com a posição, em termos económicos, do Partido Comunista, que percebeu, claramente, este ponto. E estas panaceias do “sobe défice, desce défice” não significam nada, antes pelo contrário. O défice vai baixar, isso vai trazer pobreza que nunca mais acaba ao país, e a economia não se repõe. Tem de se pensar, tem de se negociar. E acho – se calhar, estou a ser injusto – que não temos negociadores à altura em Bruxelas.

Tem fascínio pela recuperação e tem um país quebrado à sua frente.

É isso mesmo.

Não admite avançar com a candidatura à Presidência, como se falou há alguns anos?

Não. Já estou velho para isso. Além disso, tenho uma vida familiar um bocado complicada. Partir para uma coisa dessas – presumindo que iria ter sucesso –, era abdicar de uma quantidade de coisas que tenho por obrigação fazer, e que é a família. A família, para mim, é particularmente importante. Tenho uma vida em que, apesar de tudo, sou o *pater familias*. Não há dúvida nenhuma de que sou. Eles habituaram-se, e se calhar pelo meu feitio também, ou com certeza pelo meu feitio, dependem muito de mim em muitas coisas. Alguns deles até já nem têm idade para dependerem, mas dependem. E eu gosto que eles dependam.

Então, a Presidência da República não é um horizonte.
Ninguém me quer ver como Presidente da República.

Porque é que diz isso?

Sei lá. Sou um bocado incómodo.

Porque diz a verdade?

Sim. Digo tudo o que me passa pela cabeça, que é uma coisa que gosto muito de poder fazer. Há pessoas que não podem.

RL #39 | AO LARGO
RETRATO DE CORPO INTEIRO

42

ANTÓNIO EUGÉNIO MAIA DO AMARAL

RETRATO DE CORPO INTEIRO
AS PALAVRAS A SOL NASCENTE
MARTA POIARES



Conta um provérbio chinês que *uma longa viagem começa com um passo, se não tiver começado com um arrasto, porque de criança se vai longe*. Para António Eugénio Maia do Amaral, do provérbio se fez um destino. Nasceu em Coimbra, em 1957, mas passou toda a infância em itinerância, à boleia da profissão do pai. Quis o acaso que o regresso estivesse por perto e acabou por, em 1968, voltar à sua cidade de origem. Estudar na Universidade de Coimbra (UC) era uma certeza que carregava, apenas abalada pelo tumultuoso 1974 e seu abril: “A Universidade não abriu no ano seguinte ao 25 de abril, o que me fez considerar muito seriamente ir para Espanha. Cheguei a tratar de tudo. Não sei qual é que teria sido o meu futuro, mas poderia ser uma coisa curiosa”.

Não considera ter a aventura no sangue, mas a oportunidade no caminho da sorte e as escolhas muitas vezes bifurcadas. Hoje pensa em como seria ter escolhido o plano B: “Dado o estado em que nós estamos, em Portugal e na Universidade, às vezes penso nisso, volto a pensar nisso”.

Estudou Arqueologia, com um interesse particularmente forte em Arqueologia Pré-Histórica. Como mestre decisivo teve Jorge Alarcão, que conseguiu, logo no primeiro ano, arranjar umas escavações na sua área, através da Universidade do Porto. Preferindo a exatidão da ciência à imaginação do desconhecido, Maia do Amaral acabou por se converter, por completo, à Arqueologia Clássica, um mundo de maiores certezas: “No período pré-histórico permitem-se interpretações muito mais ligadas à imaginação; quando estamos a falar do período romano, estamos mais espartilhados, mas estamos mais seguros na área”.

À medida que terminava o curso, foi fazendo o curso de Ciências Documentais e, fruto de tempo livre e

da inevitabilidade, teve o primeiro contacto com o Oriente. “Na altura, houve um programa da Secretaria de Estado da Cultura que abriu a possibilidade de alunos da Universidade trabalharem na inventariação nos vários museus ao longo do país. Comecei, assim, a trabalhar no Museu Machado de Castro, na inventariação das coleções orientais. Foi o meu primeiro contacto com a arte chinesa e japonesa”.

Ao contrário da ideia pré-concebida de uma arte oriental “excessiva”, no museu descobriu peças com uma outra gramática: “Peças apenas com uma cor, ou com uma elegância que não esperava, e que não identificava, imediatamente, como arte chinesa”. Na sequência disso, “encontrou” também a arte japonesa, com a qual se veio a identificar ainda mais: “Os japoneses têm um conceito de harmonia que é mais *ton sur ton*, é mais semelhante ao nosso. A arte chinesa é mais violenta, é-nos menos perceptível do que a arte japonesa”.

No final da inventariação das coleções orientais do Museu Machado de Castro, realizou-se uma exposição de arte oriental, que ainda hoje guarda na memória, e que o obrigou a fazer os primeiros textos sobre o assunto: “Não havia ninguém que soubesse nada e nós fomos *obrigados* a escrever os suportes de apresentação do catálogo”.

Mesmo após a saída do Serviço de Inventário de Coleções, Maia do Amaral continuou a colecionar arte chinesa, razão pela qual Macau entrou no seu plano de vida.

Quando terminou o curso de Ciências Documentais, e após um ano sem emprego, seguiu-se a hipótese de ser bibliotecário em Seia, onde, em 1987, integrou a equipa responsável pelo lançamento da Rede Nacional de Leitura Pública que, considera, “veio alterar a realidade bibliotecária do país”. Após uma passagem por Lisboa, conseguiu a transferência

para a Biblioteca de Coimbra e, alguns anos depois, concorreu e conseguiu um lugar na Biblioteca Geral de Macau, onde foi responsável pela Sala de Macau e Chefe de Setor das Bibliotecas Portuguesas.

Em quatro anos de uma experiência tão irrecusável quanto visceral, Maia do Amaral juntou à arte a cultura e a língua chinesas: “Ainda consegui chegar ao nível seis de Mandarim, mas percebi muito rapidamente que o meu interesse pela língua chinesa tinha de ficar sempre a meio. Aquilo que queria, ingenuamente, no princípio, era poder ler os clássicos chineses no original. Precisaria, pelo menos, de 20 ou 30 anos para isso”. Aí, e empurrado pelo fator proximidade, pensou aumentar a sua coleção: “Enganei-me profundamente. A primeira vez que me interessei por uma peça num antiquário de Macau - um vaso de porcelana Ming de imensa qualidade -, este custava dois milhões de Hong Kong dólares, que era qualquer coisa que ganharia num ano”.

Nesta arte, especificamente nas gravuras, fascina-o a efemeridade e o significado mais oculto: “Se não forem os colecionadores, chineses ou estrangeiros, a guardarem-nas, vão desaparecer completamente. Fascina-me tentar penetrar nas gravuras e conseguir perceber esses sentidos que não me são explicados. Os chineses têm uma atitude de alguma reserva em relação a esses objetos, como públicos e comunicáveis. Há mesmo uma impressão, dos eruditos chineses, de que isso é uma parte muito privada da cultura chinesa”.

Quatro anos depois, percebeu que o regresso a Portugal não seria coberto de leveza: “Ou me vinha embora ou ficava lá para sempre. Depois de quatro anos, começa a ser complicado voltar. É muito apaixonante estar num sítio tão diferente. E essa perceção da diferença só a tive em Macau”.



Decidido o regresso, voltou para Coimbra, para o seu lugar de origem, ao reencontro de uma pacatez que não *esforçou* uma readaptação: “Foi um certo choque, a estabilidade ou a estagnação que existiam em Portugal, em comparação com o frenesim que existia em Macau. Na altura em que tudo estava a mudar, permanentemente”. Na Biblioteca Geral da UC, foi assessor de Biblioteca e Documentação, e foi responsável pelas secções de manuscritos e de música, também. Atualmente e desde 2004, a convite de Carlos Fiolhais, desempenha a função de diretor-adjunto da Biblioteca, passando a assumir, também, funções de administrador e gestor. Apesar disso, e estruturalmente, considera-se um bibliotecário: “Gosto de ser bibliotecário, de fazer

investigação, de comunicar as coisas que investigo, de fazer levantamentos bibliográficos, de fazer exposições bibliográficas”. Com o livro tem uma ligação muito grande e não crê que o fim do impresso esteja tão anunciado como se prega: “Será um formato alternativo, um suporte alternativo aos outros”. Por esta ligação só não passa o colecionismo: “A minha relação com os livros é apenas procurar neles as coisas que podem servir aos outros”. Paralelamente ao trabalho na biblioteca, mantém o interesse pelas “coisas chinesas” e aceita os desafios que lhe lançam pontualmente: “Não tomo a iniciativa, muitas vezes, de fazer coisas. Mas às vezes sou desafiado e, normalmente, aceito esses desafios”. Fez, durante a Coimbra Capital Nacional

da Cultura, em 2003, uma exposição de gravura chinesa com base na sua coleção pessoal, intitulada “Cavalos de Papel e Encantos de Pessegueiro”. Foi, também, comissário da exposição “Brinquedos e jogos da Ásia”, realizada em 2011, no Museu do Oriente, e, em 2013, apresentou na Biblioteca Nacional de Portugal parte da sua coleção pessoal, numa exposição de gravuras chinesas de porta dos séculos 18 a 20, com o nome “dous gigantes pintados cõ hus bastões nas mãos”. É-lhe essencial o poder de descobrir, e assume que não era capaz de viver sem isso: “Descobrir coisas novas é-me vital”. A sua coleção, admite, nunca para de aumentar, principalmente tendo como ajuda um mundo com um passo bem à

frente do outro: “Tenho feito compras pela Internet. Até já comprei gravuras chinesas no Japão (risos)”. Em relação ao Oriente que é mostrado em Portugal, Maia do Amaral acha que há falhas por preencher: “Todas as artes populares chinesas são muito desconhecidas na Europa. Sendo desconhecidas, não chegam a ser compreendidas. Somos, extraordinariamente, o único país europeu que não tem estudos de sinologia dignos desse nome. E, extraordinariamente, fomos os primeiros a chegar à China, portanto, devíamos ter tido esse interesse desde muito mais cedo do que os outros”.

Maia do Amaral eleva o trabalho que o Museu do Oriente tem desempenhado nesta tarefa de mostrar ao mundo

ocidental o “lado de lá”: “De facto, mudou a relação da arte e dos objetos orientais com a população portuguesa”. No entanto, sublinha que o contacto com esta cultura deveria começar um pouco mais cedo e nunca apenas pelo efeito da globalização: “Deveria introduzir-se essa relação de séculos um bocadinho mais cedo na vida das crianças. Pelo menos, no sentido de sensibilizar as pessoas para o lugar absolutamente privilegiado que os portugueses têm na relação com vários povos orientais. Deixámos uma imagem muito boa, que não aproveitamos, não valorizamos, não pomos a render”. Homem de relíquias, não só assume não ter tesouros guardados, como a partilha destes se torna a sua parte numa missão: “A minha postura é sempre essa:

mostrar, mostrar o mais possível, e tentar chamar a atenção para os objetos que me apaixonam e que espero que apaixonem um pouco as outras pessoas. Estou sempre a tentar mostrar novas. Quando encontro alguma coisa interessante comunico aos meus colegas bibliotecários que se possam interessar também por isso. Ter um património em casa para ninguém ver - nem eu próprio, porque estão em gavetas, no escuro - não tem interesse nenhum”. Do futuro nada sabe, em consonância com a surpresa quotidiana do mundo que vivemos hoje. Por isso, prefere viver numa folha sem planos: “Estamos a deparar-nos com o impossível todos os dias. Planos, acho melhor não os ter, para evitar a desilusão de não os realizar”.



Uma visão oriental: A China e Portugal

Quando cheguei a Portugal em outubro de 2012, estava cheia de excitação. Embora já tivesse viajado por vários continentes, era a primeira vez que ia conhecer a Europa, e que ficaria nesta terra mais ocidental desse continente. Falava português já há algum tempo, estava muito curiosa por visitar Portugal. Esta foi a viagem mais complicada que fiz desde Liaoning (a minha terra natal), passando por Pequim, Roma, Lisboa até Coimbra, o que, no total, demorou mais de 40 horas, atravessando uma distância de 10,172 quilómetros e uma diferença de oito horas.

YIN MENGJIA *

48

RL #39 | AO LARGO
CRÓNICA

Tudo era novo e distinto. As diferenças estavam no ar, no sol, em todos os detalhes do dia a dia. O primeiro choque, para mim, foi a pouca população do país. Vivi seis anos na cidade de Pequim, a capital da China, que possui uma população duas vezes maior que Portugal. Estava habituada a ver multidão quase em todos os lugares e a todo o tempo. Para os portugueses deve ser difícil imaginar uma concentração tal de gente e para mim, ao contrário, também foi muito estranho ficar numa cidade pequena. Comparando com Pequim, as pessoas de Coimbra vivem uma vida relativamente lenta e com menos pressão. Isto tem a ver com o microambiente da economia e da sociedade: a China está numa fase de desenvolvimento rápido em todos aspetos. No início da Fundação da República, em 1949, sofremos muitos anos de carência a nível económico e material, e uma imensa repressão da liberdade espiritual. Desde a abertura e da reforma económica de 1978, a China tem tido mudanças enormes; até hoje, são mais de 40 anos de crescimento económico a um ritmo rápido. Hoje em dia, nas maiores cidades da China, como Pequim, Xangai e Cantão, estão sempre a crescer edifícios novos e estradas largas; na ânsia de manter um crescimento económico (que não passa do papel) quase não se vê nenhum prédio de menos de dez pisos, ou de mais de dez anos.

Nascida na década 1980, testemunhei todo este processo. No início, vivia com os meus pais num só quarto sem cozinha e sem casa de banho; hoje, temos um apartamento de 150m², com duas televisões, dois computadores, todos os eletrodomésticos, mobília... Enfim, casa cheia. Para a maioria dos chineses o que é bom tem de ser novo e grande. Toda a República tem estado sob construção e renovação contínua. Isto explica perfeitamente a razão pela qual, quando cheguei a Portugal, senti que o país não se parecia nada com o que imaginava ser a Europa. Aqui, tudo parecia velho e antigo.

O foco da vida da maioria dos chineses reside em ter uma vida mais confortável e mais sucesso, o que significa, para muitos dos que vivem na cidade, ter um apartamento e um carro, bem como os últimos *gadgets* e roupas da moda. Como nas zonas rurais não existem infraestruturas suficientes, assiste-se a um movimento constante de pessoas para as zonas urbanas. A situação de Portugal é muito diferente, pois neste momento, está a viver uma crise económica, o que para mim é um enorme contraste. Todavia, isto não é uma perda de esperança. Pelo que vejo, é um período de recuperar, de repensar a sociedade e a forma de vida. Coimbra, sendo uma cidade universitária, também é um centro de atividades e eventos culturais, uma terra de novos pensamentos. Considero que na China se deveria recuperar a importância dada ao conhecimento e à cultura. No entanto, a cultura está mergulhada na vida quotidiana.

Por outro lado, encontrei semelhanças na forma como agem os Europeus e os asiáticos comparativamente a pessoas de outros continentes, pois tratam-se com maior cortesia e são mais ponderadas no que falam e na forma como falam: quando andamos com uma história longa nas costas, caminhamos com menos rapidez e com mais firmeza.

Quer sejam os chineses, quer sejam os japoneses ou coreanos, agem sempre com a prudência e a humildade tipicamente asiáticas. Assim, parecemos mais calmos e mais tímidos.

Para além da sua gastronomia e do enquadramento ao nível dos negócios, infelizmente, a China não é conhecida pelo mundo ocidental. Considero que este desconhecimento se deve, por um lado à dificuldade da língua, por outro ao facto da comunidade chinesa ser pouco permeável ao exterior, sendo que o bloqueio da informação e a censura rigorosa dos discursos nos meios de telecomunicação, tanto tradicionais como modernos, i.e. a televisão, o rádio, até a internet, obstruem gravemente o processo. Considero que a possibilidade de haver mais liberdade nos meios informáticos e de telecomunicação é um passo indispensável no progresso da integração internacional e no sentido de a China ser conhecida melhor pelo todo o mundo, em todas as suas dimensões.

Usamos pauzinhos em vez de garfo e faca, tomamos banhos à noite em vez de manhã, bebemos chá em vez de café, apertamos as mãos em vez de abraçarmos ou beijarmos. É sempre interessante comparar as diferenças, percebendo que vivemos num mundo de várias maneiras e várias possibilidades. Sendo talvez a única chinesa que os meus amigos portugueses conhecem, sinto um grande prazer e orgulho em dar-lhes a conhecer o meu país e cultura. Às vezes também é muito engraçado quando me perguntam com curiosidade: “Sabes fazer Sushi?” ou “É verdade que todos vocês praticam Kung Fu?”. Fazem-me rir, e respondo: Sushi é do Japão e nem todos chineses são *Bruce Lees* ou *Jackie Chans*. Contudo, ao longo do tempo que passei em Portugal, encontrei, cada vez mais, semelhanças nas duas culturas: mesmo sendo de raças diferentes, acreditamos numa mesma humanidade, temos valores comuns como o amor, a compaixão, o cuidado com a família e os amigos, a busca de felicidade e de progresso. Temos os mesmos sentimentos de alegria e tristeza. Como nós, chineses, costumamos dizer: mesmo que nos afastemos milhares de quilómetros uns dos outros, olhamos para a mesma lua de noite.

* Estudante do Mestrado de Comunicação e Jornalismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

AO ENCONTRO DA INDONÉSIA

ANA CATARINO *



Fotografia: Ana Catarino

Padang, Sumatra Ocidental, Indonésia - este foi o destino da minha aventura. Nunca antes tinha estado a Oriente. Foi a busca do lugar distante, desconhecido, exótico, que me conduziu a tal paragem. A missão era simples: ensinar inglês a crianças do 3.º ciclo de uma escola local.

As seis semanas que passei em Padang, no início deste ano, foram recheadas de experiências engrandecedoras. Inserir-me, de rompante, num país e numa cultura a que era completamente alheia proporcionou-me o prazer da descoberta e o conforto do conhecimento.

Desde logo, o contacto tanto com os alunos como com a população em geral foi muito gratificante. Os indonésios são um povo extremamente amigável e acolhedor. Recebem qualquer estrangeiro como se de um amigo de longo tempo se tratasse, sendo de uma hospitalidade e generosidade inigualável.

Em Padang, zona remota muito pouco turística, existe um fascínio com tudo o que vem do Ocidente. As crianças ficam paralisadas com uma expressão de incredulidade a olhar para quem é diferente e os adultos mostram-se sempre muito interessados em saber a nossa origem, os nossos nomes, o porquê de estarmos ali. Andar na rua, por vezes, torna-se um desafio, tal é a curiosidade dos que por nós passam. Esta atração pelo que vem de longe proporciona momentos caricatos, sejam eles tirar uma foto com um grupo de adolescentes ou um pedido em casamento.

Dizer que somos portugueses é sempre respondido com “ah! Cristiano Ronaldo” (personagem que até em Padang é vista em *outdoors* publicitários), o mundo futebolístico é sem dúvida a nossa “melhor” exportação e aquilo por que somos reconhecidos, havendo, embora, algumas pessoas que fazem referências a Lisboa e à língua portuguesa.

No âmbito do programa de voluntariado em que estava inserida, participei num evento com o objetivo de dar a conhecer os países dos voluntários. Foi muito engraçado ver a reação dos alunos indonésios a provarem azeitonas: a culinária típica da indonésia oscila entre o muito picante e o muito doce, pelo que comer algo mais amargo e azedo gerou reações, por vezes, de perfeito “pânico”. No entanto, o queijo, a marmelada, os tremoços, o mel e as conservas foram muito bem recebidos. Embora exista algum desconhecimento da cultura portuguesa notei sempre uma grande curiosidade e vontade de saber mais e conhecer os nossos hábitos, tanto por parte dos alunos como dos adultos.

Padang é assim mesmo, um conjunto de fenómenos contraditórios que torna o dia a dia uma autêntica aventura para quem vem de fora. Uma das características mais marcantes de Padang são os seus transportes públicos, sinónimo de carrinhas comerciais de dois lugares com a mala traseira convertida em espaço para passageiros, onde cabe sempre mais um. Se existe situação em que a expressão “como uma sardinha enlatada” se encaixa, sem dúvida que é a uma viagem de angkot! A crescer ao pouco espaço desta viatura está a sua caracterização: cores garridas, peluches coloridos, música nas alturas e, nos mais requintados, uma televisão com *karaoke*. O angkot confere um dinamismo e uma intensidade às nossas vidas muito difícil de replicar numa capital europeia. A “rede de transportes públicos” não tem mapas, não tem paragens definidas e os “autocarros” não têm botão de stop, numa cidade de grandes dimensões onde as referências visuais são praticamente nulas torna-se fácil andarmos sempre perdidos...

O contraste entre o Ocidente e o Oriente verifica-se nas pequenas coisas do dia a dia: arroz ao pequeno-almoço (“se ainda não comeste arroz hoje, ainda não comeste!”), comer com a mão sentado no chão, as galinhas e as cabras à solta na rua, as motas são veículos onde cabem famílias inteiras, os carrinhos ambulantes com comida de rua, o mercado labiríntico, o peixe e a carne vendidos ao ar livre... Enfim, todas estas pequenas coisas que em Padang fazem parte da vida quotidiana deixam quem vem de fora encantado com o que o envolve.

Fascinante em Padang, e no Oriente em geral, é a diversidade de culturas que encontramos no mesmo país e até na mesma cidade. A Ásia são vários mundos num só, sendo a sua multiculturalidade incomparável. Padang, assim como a Indonésia, é uma cidade maioritariamente islâmica, onde a fé é vivida na rotina do dia a dia: é habitual acordar com o som dos minaretes a chamar para a primeira reza do dia, o horário escolar está organizado para que todos possam cumprir as várias orações diárias, e até as bombas de gasolina têm pequenos locais de culto. À noite, a cidade fica deserta após a última reza, voltando à atividade no dia seguinte para repetir todo o ritual.

Paralelamente a esta rotina, a cidade tem outra faceta: China Town. O bairro chinês tem o seu próprio ritmo. Os templos repletos de budas e dragões, os caracteres e as casas caracteristicamente chinesas, as lojas com produtos típicos e o cheiro a incenso transportam-nos para outra realidade.

Tudo isto é envolvido por montes de vegetação serrada de um verde luminoso, repleto de flores das mais variadas cores e cheiros, rodeado de paisagens imensas de campos de arroz submersos e banhado pelas águas mais cristalinas do mar índico. Se o paraíso existe na terra, existe sem dúvida a Oriente!

* Estudante do Mestrado em Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

俳句 haiku

MANUEL PORTELA *

O haiku ou haikai (forma usada com mais frequência no português do Brasil) é uma forma poética japonesa antiga, cultivada autonomamente sobretudo a partir do século XVII. A palavra deriva de 'hokku', usada para designar a estrofe inicial das formas de poesia colaborativa *renga* ou *renku*, nas quais os poetas participantes encadeavam as respectivas estrofes entre si. Esta forma colaborativa era geralmente composta por estrofes alternadas de 17 e 14 sílabas que se combinavam num poema com cerca de 100 estrofes. Dois poetas em particular contribuíram para a autonomização e culto do haiku como forma poética própria: Matsuo Bashô (1644–1694) e Ueshima Onitsura (1661–1738). Na versão tradicional, o haiku é composto por 17 sílabas, organizadas em três versos segundo um padrão 5+7+5. Um dos mais frequentemente reproduzidos e traduzidos é o haiku de Matsuo Bashô que transcrevemos a seguir em várias versões – na versão original (em caracteres japoneses kanji e em transcrição alfabética) e ainda em três traduções inglesas e três traduções portuguesas.

水 蛙 古
の 飛 池
音 込 や
む

Matsuo Bashô

52

BL #39 | AO LARGO
CRIAÇÃO LITERÁRIA

Furu ike ya
kawazu tobikomou
mizu no oto
Matsuo Bashō

Um templo, um tanque musgoso;
Mudez, apenas cortada
Pelo ruído das rãs,
Saltando à água, mais nada...
Tradução de Venceslau de Moraes [1926]

The old pond;
A frog jumps in —
The sound of the water.
Tradução de Robert Aitken [2003]

o velho tanque

rã salt'

tomba

rumor de água

Tradução de Haroldo de Campos [1977]

pond
frog
plop!
Tradução de James Kirkup [1993]

O velho tanque –
Uma rã mergulha,
barulho de água.
Tradução de Paulo Franchetti [1990]

Do ponto de vista sintático e semântico, duas características são frequentes no haiku tradicional: a justaposição de imagens distintas – que reconstituem percepções sensoriais precisas, geralmente situadas num espaço natural – e a ausência de conetores sintáticos que hierarquizam os elementos. É desta copresença do objeto e da apreensão sensorial do objeto que depende a força emocional da sensação, da impressão ou da percepção emuladas verbalmente no poema. A concretude da representação permite que a linguagem surja quase como um registo sonoro ou visual desse instante de percepção temporizada do mundo. A brevidade da forma é, além disso, uma emulação linguística da brevidade do acontecimento percetual capturado e produzido pela forma. O haiku seria assim uma espécie de sensograma que torna possível recuperar a partir de uma justaposição de imagens, um instante de consciência do mundo: a palavra regista um momento de apreensão em que os mecanismos do corpo permitem ao sujeito sentir-se a ser modificado pela percepção do objeto. A justaposição de imagens emula a justaposição de percepções. O efeito poético das imagens resulta do intervalo entre os elementos justapostos, que intensificam na linguagem a objetualidade do objeto percecionado.

A produção verbal desse instantâneo percetivo dá origem, retroativamente, a partir da ativação da memória de determinada percepção, a uma nova presença alucinada do mundo, como se fosse possível voltar a ver, voltar a escutar ou voltar a tocar o objeto nas próprias palavras. De certo modo, o haiku oferece um modelo da natureza simultaneamente abstrata e concreta da linguagem, como se fosse permitido à matéria fonética e semântica da palavra corresponder de modo singular a uma percepção singular. Isto é, como se lhe fosse dado ver, escutar e tocar um objeto, assumindo a concretude da sua existência como ponto de vista singular sem a categorização relacional e abstrata com que a linguagem e o pensamento recortam o real. Os melhores exemplos parecem fazer algo paradoxal: permitir ver o mundo através da linguagem mas de um modo que parece ser independente da linguagem.

Aquilo que a intensificação evocativa de um momento parece querer fazer é mostrar a presença da própria linguagem como objeto natural e como entrelaçamento entre objeto e percepção de objeto, uma espécie de sexto sentido, capaz de conter no ritmo silábico e semântico da sua montagem a emergência da consciência que, através da percepção do objeto, dá ao sujeito o sentimento de si no objeto e do objeto em si. Por isso aquilo que o haiku tenta mostrar acima de tudo é a perspetiva percetiva a partir da qual os sentidos são capazes de evocar os objetos apenas a partir de uma descrição verbal. São pedaços

de escuta e pedaços de visão quase conscientes da memória acústica e visual que os produziu como experiências evocáveis através da palavra.

A história e a popularidade desta forma podem ser testemunhadas no Museu da Literatura Haiku em Tóquio, cuja extensa coleção inclui grande parte do acervo do período moderno a partir de Masaoka Shiki (1867-1902), bem como inúmeros livros e revistas que se continuam a publicar no Japão e noutras partes do mundo. O culto desta forma no Ocidente reflete as transações culturais entre a Europa e o Japão, em especial a partir do século XIX. Alguns dos exemplos mais antigos – em neerlandês, inglês e francês – datam do século XIX, mas foi apenas na segunda metade do século XX que esta forma se tornou largamente cultivada no Ocidente. Para isso contribuíram as diversas traduções e antologias de haiku japoneses, como as que foram publicadas em inglês por R.H. Blyth (1949-1952), Kenneth Yasuda (1957) e Harold G. Henderson (1958), já no contexto posterior à ocupação americana do Japão. A formação da Haiku Society of America (em 1968, www.hsa-haiku.org) e de associações similares reflete o interesse crescente das últimas décadas. Idêntico processo de tradução e apropriação se verificou noutras línguas e culturas europeias, originando múltiplas versões e adaptações locais desta forma.

Dois dos introdutores do haiku na língua portuguesa foram Venceslau de Moraes (1854-1929), em Portugal, e Afrânio Peixoto (1876-1947), no Brasil. Encontramos em Venceslau de Moraes uma descrição que assinala o contraste entre a concisão epigramática e o minimalismo lírico dessa forma com a poesia europeia: “O que causará maior espanto, sem dúvida, à compreensão do homem europeu, neste assunto de poesia japonesa, é a ínfima grandeza do *hokku*, que representa, há cerca de dois séculos e meio, quase que a única forma corrente do poema dos nipônicos. – Que poetas são pois estes, os nipônicos? Como pretendem eles condensar, em dezassete sílabas apenas, os múltiplos sentimentos que a poesia nos sugere, a nós, brancos, que tão longas páginas de versos, não raras vezes, dedicamos a um assunto apenas?” (*Relance da alma japonesa*, 1928). A tradução do haiku japonês contribuiu também de forma significativa para a apropriação desta forma na poesia portuguesa e brasileira. Saliente-se, em particular, a sua valorização pelos poetas concretistas brasileiros, que reconhecerem na visualidade e na concisão do haiku uma forma adequada a uma estética objetualista e ideogramática. Encontramos, nas últimas décadas, inúmeros exemplos (traduzidos, recriados, parodiados) que se podem colher nos mais diversos autores dos dois lados do Atlântico – por exemplo, Herberto Helder, Albano Martins, Alberto Pimenta, Augusto de Campos, Paulo Leminski, Paulo Franchetti.

O poeta canadiano bpNichol (1944-1988) publicou em 1981 um conjunto de variações sobre o poema referido de Matsuo Bashô, cuja montagem rítmica e imagética permite combinar a intensidade lírica de cada instante recriado verbalmente com a sua sequenciação temporal. A justaposição que ocorre entre imagens e sons dentro de cada estrofe torna-se homóloga da justaposição de estrofes, cuja montagem cinematográfica produz por acumulação um efeito narrativo. “The Frog Variations” parece sugerir que a materialidade literária resulta de operações sobre a materialidade particular de cada língua (isto é, das correlações entre som e sentido que a definem) e de efeitos referenciais que permitem evocar a experiência de perceção do mundo através dos sentidos. A significação emerge como um efeito do processamento cognitivo dessa conjugação singular de linguagem e experiência produzida pela dimensão sensorial e simulatória da literatura. O haiku poderia então descrever-se como uma estrutura poética minimal concebida para experimentar o efeito cognitivo e afetivo da simulação literária.

Variações do Sapo

1. Alba névoa
cepo
charco
- Meio-dia sapo
cepo
charco
- Lusco-fusco névoa
sapo
charco
2. névoa névoa névoa sapo névoa
3. lua-sapo
lago-sapo
sapo-sapo
4. (definição de nenúfar)
fr ágil ilha
sapo-ilha
5. (a obsessão do sapo com a mosca)
sapo ar sapar

6. língua de sapo: caça moscas
olho de sapo: medida de ave
dentada no sapo
suspiro de sapo
voo de ave

7. oh lua
lua não

oh sapo
sapo não

oh lago
lago não

oh
não

oh
não

oh
não

8. chape

chapadas debaixo do freixo curvado
fr ágeis ilhas crias do grande charco
sapo

lago

postas debaixo da fronda outonal
mais cantores da água escura aluam
à lua

9. no céu à noite
a lua & os sapos mergulham

por baixo do brilho da luz do lago
a vida que ondeia continua

bpNichol
10 de Julho de 1981
‘um dos Rapazes da Rua Basho’

Tradução de John Havelda, Isabel Patim e Manuel Portela

(extraída de : *Poesia Contemporânea do Canadá*, Lisboa: Antígona, 2010)

* Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



A exposição *Do Sul ao Sol – A Universidade de Coimbra e a China* esteve patente na Biblioteca Joanina e no Museu da Ciência entre julho e dezembro de 2013. A Biblioteca Geral, o Museu da Ciência e o Arquivo selecionaram documentos e objetos representativos da rica história que une o Ocidente ao Oriente e do papel fundamental que Portugal e, especialmente, a Universidade de Coimbra (UC) desempenharam nesta descoberta mútua. Os materiais das ricas coleções da Universidade foram completados com peças cedidas especialmente pela Biblioteca Nacional de Portugal, o Museu Machado de Castro, o Museu da Cidade e colecionadores particulares.

Título: *Do Sul ao Sol*
Coordenação: José Pedro Paiva, José Augusto Cardoso Bernardes, Paulo Gama Mota
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2013

O catálogo *Do Sul ao Sol* não se cinge apenas a uma enumeração e descrição das peças que constituem esta exposição. Inclui textos de enquadramento histórico, da autoria de especialistas das relações entre a Europa e a China e uma visão geral das coleções existentes na UC com relevo para a história dessas relações. Tal como a exposição, o Catálogo está organizado em três secções: *Encontro*, que versa sobre o papel de Coimbra no conhecimento da China na Europa; *Ciência*, em que se revisita o papel de Coimbra no intercâmbio científico com a China; e *Cultura*, sobre a influência chinesa no gosto e na cultura material. Mais do que uma descrição e enumeração das peças que constituem a exposição, é feita, neste catálogo, uma narração da relação muito particular que se estabeleceu entre a Europa e a China, que conduziu à partilha de conhecimentos científicos e de hábitos culturais. A riqueza do espólio documental, bibliográfico e iconográfico da UC, é indicadora desta ligação e da relevância que esta Universidade representou no conhecimento deste novo mundo.

Título: *Goa: Romance*
Autora: Helena Rainha Coelho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção *Li*
Coimbra 2012

Título: *Diálogo sobre a Missão dos Embaixadores Japoneses à Cúria Romana*
Autor: Duarte de Sande. Tradução de Américo da Costa Ramalho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Centro Científico e Cultural de Macau
Coleção *Portugaliae Monumenta Neolatina*
Coimbra 2009

Título: *Diálogo de Civilizações – viagens ao fundo da História, em busca do tempo perdido*
Coordenador: João Gouveia Monteiro
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série *Documentos*
Coimbra 2004

Título: *Posso participar: atividades de desenvolvimento pessoal para idosos*
Autora: Margarida Pedrosa de Lima
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.
Série *Investigação*
Coimbra 2013

Título: *A queda de Roma e o alvorecer da Europa*
Autora: Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas e Rosa Sanz Serrano
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção *Classica Digitalia*
Coimbra 2013

Título: *Direito Fiscal. Teoria geral do imposto*
Autora: Suzana Tavares da Silva
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série *Ensino*
Coimbra 2013

Título: *Egas Moniz no seu labirinto*
Autor: Manuel Correia
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção *Ciências e Culturas*
Coimbra 2013

Título: *Fernando Pinto Coelho. O Mestre e o Professor Universitário. No centenário do seu nascimento (1912-1999)*
Coordenadores: Sebastião J. Formosinho, Hugh Burrows
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série *Documentos*
Coimbra 2013

Título: *Obras de Maria Helena da Rocha Pereira. Vol.1. Estudos sobre a Grécia Antiga*
Autora: Maria Helena da Rocha Pereira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Fundação Calouste Gulbenkian
Coimbra 2013

Título: *Amor e Morte na Cultura Clássica*
Autor: José Ribeiro Ferreira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção *Estado da Arte*
Coimbra 2013

Título: *Historiografias Portuguesa e Brasileira no Século XX*
Autores: João Paulo Avelãs Nunes, Américo Correia
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção *História Contemporânea*
Coimbra 2013

Título: *As receitas de cozinha de um abade português do Século XVI*
Autor: Anabela Leal de Barros
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série *Documentos*
Coimbra 2013

Título: *Três dedos abaixo do joelho/ Tristeza e alegria na vida das girafas/Coro dos Amantes*
Autor: Tiago Rodrigues
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção *Dramaturgo*
Coimbra 2013

Título: *Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra*
Texto: Carlos Fiolhais/Fotografia: Paulo Mendes
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2013

O JAPÃO E A CHINA NA BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Durantes os anos de 2012 e 2013 foram feitos vários levantamentos relativos à história do Japão e da China do espólio da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, como parte integrante de vários eventos relacionados com o Oriente, que aqui apresentamos.

JAPÃO

ÁLVARES, Jorge
Livre que trata das cousas da India e do Japão: edição crítica do códice quinhentista 5/381 da Biblioteca Municipal de Elvas. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1957. 142 p., [1] est. ; 25 cm. Sep. de: “Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra”, vol. 24. 9-(4)-3-8-5

JESUÍTAS
Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreverão dos Reynos de Iapão & China ... do anno de 1549 até o de 1580. Em Euora: por Manoel de Lyra, 1598. Dois vol. (um t.) ([2], 481, 267) f.; segundo (29 cm). V.T.-18-9-17/18

JESUÍTAS
Anua de Japão de 618 [manuscrito]. Carta de Cristóvão Ferreira, datada de oito de janeiro de 1619. 38 f. em papel japonês, m. acidificado e corroído pela tinta europeia usada. Encadernação em papel japonês com decoração xilografada a ouro. Adquirido em leilão. Ms. 2853

JESUÍTAS
Annuade Japam do anno de 1621 [manuscrito]. Segunda via da Carta de Jerónimo Rodrigues (?) Júnior para o Padre Mutio Vitelleschi, quatro de outubro de 1622. Adquirido em leilão. Ms. 2854

TRESLADO
Treslado do escrito original q(ue) o P(adr)e e S(anct)o Martyr Marcello Francisco Mastrille deixou na mão do S(anct)o corpo de S. Fran(cis)co Xavier, q(uan)do partio de Goa p(ar)a o Japam [manuscrito]. Subscrita em Goa, 11 de março de 1636. Uma f. Ms. 335, f. 316

STAFFORD, Inácio
Historia de la celestial vocacion, missiones apostolicas, y gloriosa muerte: del padre Marcelo Franc(isc)o Mastrilli ... Lisboa: Antonio Alvarez, 1639. [8], 136 p.; Quarto (20 cm). Imagem do martírio de Marcello Francisco Mastrille, em 1637, grav. por Agostinho Soares Floriano. V.T.-9-6-14

FRANCO, António, 1662-1732
Imagem da virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra em Portugal: na qual se contem as vidas, & sanctas mortes de muitos homens de grande virtude, que naquella sancta caza se criaram.../pello P. Antonio Franco... Evora: na Officina da Universidade; [Coimbra: no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus], 1719. 2 vol. ; 2º (31 cm). Refere-se (t. 1, p. 122 e sgts.) ao martírio, no Japão, do conimbricense Diogo de Carvalho (1578-1624) beatificado por Pio IX, em 1867, e dos irmãos Francisco Pacheco (t. 1, p.144 e sgts.), Simão Vieira (t. 1, p. 154 e sgts.), etc. • 1-13-13-187/188

ENDO, Shusaku, 1923-1996
Silence/by Shusaku Endo; transl. from the Japanese by William Johnston; foreword by Martin Scorsese. London: Peter Owen, 2007. 306 p. • 9-(1)-9-19-85

ENDO, Shusaku, 1923-1996
Silêncio/Shusaku Endo ; trad. João David Antunes. 1ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1990. 233 p.; 24 cm. (Ficção universal; 65). • 6-14-35-14

FRÓIS, Luís, 1532-1597, S.J.
Segunda parte da história de Japam. Tóquio: Sociedade Luso-Japonesa, 1938. Um vol. (pag. múltipla) com um apêndice de 16 p. em japonês. Número quatro de tiragem de 180 ex. • RB-28-29

FRÓIS, Luís, 1532-1597, S.J.
Europa Japão: um diálogo civilizacional no século XVI/Luís Fróis; apresentação de José Manuel Garcia; fixação de texto e notas por Raffaella D’Intino. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993. 179 p.: il.; 21cm. 6-23-45-40

FRÓIS, Luís, 1532-1597, S.J.
[Historia do Japão / Luís Fróis]. [S.l.]: Chuokoron-Sha, 1977. Oitovol.: il.; 20 cm. 5-3-37

DALGADO, Sebastião Rodolfo, 1855-1922
Influência do vocabulário português em línguas asiáticas: abrangendo cêrca de cinqüenta idiomas/por Monsenhor S.

Rodolfo Dalgado. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1913. LXXXV, 249, [4] p., Um mapa desdobrável; 25 cm. IC-18-1-4-47

DALGADO, Sebastião Rodolfo, 1855-1922
Contribuições para a lexicologia luso-oriental/por Sebastião Rodolfo Dalgado. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1916. 193 p.; 24 cm. IC-17-3-2-3

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da, 1922-2010
A influência da língua portuguesa no vocabulário japonês. Lisboa: Sociedade de Língua Portuguesa, 1968. 15 p.; 22 cm. • 5-33-36-362

KIM, Tai Whan
The Portuguese element in Japanese: a critical survey with glossary. Coimbra: Publicações do Instituto de Estudos Românicos, 1976. 152 p.; 24 cm. 6-16-13-57

KIM, Tai Whan
Etymological and semantic notes on ibero-romance words in Japanese. Paris: Fund. Calouste Gulbenkian, 1979. p. 579-621; 25 cm. • 5-17-38-61

COLLADO, Diego
Ars grammaticae iaponicae lingvae... Romae: Sacra Congregatio de Propaganda Fide, 1632. 75 p.; Quarta. Encadern. com Dictionarivm sive thesavri linguae Iaponicae compendivm (Rome, 1632). • S.P.-Y2-11

SANDE, Duarte de, 1531-1600
De missione legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam, rebusque in Europa, ac toto itinere animadversis Dialogus / ex ephemeride ipsorum legatorum collectus ; & in sermonem latinum versus ab Eduardo de Sande Sacerdote Societatis Iesu. In Macaensi portu Sinici: in domo societatis Iesu, 1589. [8], 412, [24] p. ; Quarto (22 cm). R-13-17

DE TRIUMREGUM
De trium regum Iaponiorum legatis ... Gregorio XIII ... obedientiam puplice

praestiterunt ... Antuerpiae: Martinus Nutius, 1593. [16] f. • R-5-12

OKAMOTO, Yoshitomo, correspondente
[Bilhete postal ilustrado representando o porto de Tanegashima]. 1939, jun. 17, Miyazaki, [para] Armando Cortesão. Uma f. • Ms. AC529

CARDIM, António Francisco, 1596-1659, S.J.
Fascicvlos e Iapponicis floribus ... Romae: typis Heredum Corbelletti, 1646. [8], 252 p.: 87 est., 1 mapa desdobr.; Quarto (21 cm). Mapa desdobr. do Japão, do chamado tipo Moreira, com representação do galeão de S. Francisco Xavier, de 1549. RB-37-35

ORTELIUS, Abraham, 1527-1598
Theatrum orbis terrarum ... [material cartográfico]. [Antuerpiae: Ex officina Plantiniana: Abrah. Ortelij aere & cura, 1595]. [12] f., 115 f. de texto e mapas de folha dupla; [4] f., [32] f. de texto e mapas de f. dupla; 30 p.; [3] f.: il., gravuras, mapas; Segundo (44 cm) Até à ed. de 1584, Ortelius incluiu na carta da Ásia um esboço muito incompleto do Japão. Nessa edição (e posteriores), publica em carta própria “Iaponiae Insulae descriptio Ludoico Teisera auctore”, a primeira incluída num atlas europeu, com o Japão dividido em BUNGO (Kyushu), TONSA (Shikoku) e IAPONIA (Honshu) e onde a Coreia aparece representada como uma ilha.

J.F.-59-3-1

BLAEU, Joan, 1596-1673
Atlas mayor, sino Cosmographie Blaviana ... Amsterdam: Juan Blaeu, 1659-1672. Dez.vol.: mapas. Vol. 6: Novus Atlas Sinensis... [1665?]. Inclui mapa do “Iaponia [sic] Regnum”, por Martino Martini. Apenas representa a ponta Sul de Hokkaido. Entre outras cidades, indicam-se IEDO (Edo, hoje Tóquio), MEACO (Miyaco, capital, então Kyoto), LANGESAQUE (Nagasaki), etc. S.P.-Af12-1

PINTO, Fernão Mendes, 1514?-1583
Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto, em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouiu no reyno da China, no da Tartaria, no do Sarnau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais ... Em Lisboa: por Pedro Crasbeeck: a custa de Belchior de Faria, 1614. [1], 303, [5] f.; Segundo (27 cm). • 1-6-22-500

MORAIS, Venceslau de, 1854-1929
O culto do chá/Wenceslau de Moraes; ilustrações de Yoshiaki. Kobe: Typ. do Kobe Herald, 1905. [2], 46 p.: muito il.; 22cm. • R-36-18

MORAIS, Venceslau de, 1854-1929
O tiro do meio-dia: ainda Ko-Haru. Viana do Castelo: Lusa, 1919. 15 p.; 15 cm. • R-36-44

PINTO, J. A. Abranches, correspondente
[Carta], 1939 Fev. 1, Tóquio [para] Armando Cortesão, London [manuscrito]. 1939 Fev. 1. [1] f.; 28cm. Refere o envio do “Boletim da Sociedade Luso-Japonesa”, número único. Referências a Voretzch, à comunicação de Armando Cortesão ao Congresso Internacional de Geografia, em Amesterdão e à publicação em “Monumenta Nipponica”, pelo signatário e por Y. Okamoto do “Tratado dos embaixadores japões”. Notícia da obra de Y. Okamoto sobre cartografia. • Ms.AC530

JANEIRA, Armando Martins, pseud.
Japanese and Western literature: a comparative study. Rutland [etc.]: Charles E. Tuttle, 1970. 394 p. 5-11-71-210

MORAIS, Graça, 1948-
Japão 1543-1993: diário de viagem = Japan 1543-1993: diary of a journey/ Jorge Borges de Macedo, Alberto Vaz da Silva, Graça Morais; trad. para inglês Richard Zenith, para japonês Hiroshi Hino. Lisboa: Centro Nacional de Cultura: Quetzal, 1993. 109 p., [14] f.: il; 31 cm. RC-41-9

Adenda: Cartas Ânuas do Japão existentes na BGUC

COSTA, Manuel da, 1531-1604, S. J. Rerum a societate Iesu in Oriente gestarum ad annum usque à Deipara Virgine MDLXVIII ... Dilingae: Apud Sebaldum Mayer, 1571. [7], 228, [4] f.; Oitavo (15 cm) • V.T.-20-8-6

CARTAS do Iapam: nas quaes se trata da chegada aquellas partes dos fidalgos Iapões que ca vierão, da muita christandade que se fez no tempo da perseguição... Em Lisboa: Em casa de Simão Lopez, 1593. 64 f.; 8° (19 cm). V.T.-18-7-35

GUERREIRO, Fernão, 1550-1617, S.J. Relaçam annual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Jesus na India, & Japão nos anos de 600 & 601... pello Padre Fernão Guerreiro... Em Evora: por Manoel de Lyra, 1603. 11, [1] f., p. 13-259, [1 br.] p.; Quarto (19 cm). V.T.-20-6-10 (outro ex. 1-11-13-55)

GUERREIRO, Fernão, 1550-1617, S.J. Relaçam ann [u]al das cousas que fezeram os padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & no Brasil, Angola, Cabo Verde, Guine, nos annos de seiscentos & dous & seiscentos & três... Em Lisboa: per Jorge Rodrigues, 1605. [2], 54; 142 [i.e. 144] f.; Quarto (18 cm). Compreende o Japão, embora não venha mencionado no tít. V.T.-20-6-9 (outro ex. R-2-4)

HAY, John, 1546-1607 De rebus Iaponicis, Indicis, et Pervanis epistolae recentiores... Antuerpiae: ex officina Martini Nutii, ab insigne duarum Ciconiarum, 1605. 963, [52] p.; Oitavo (16 cm). • 1-11-13-60

GUERREIRO, Fernão, S.J., 1550-1617 [Rel]açam [a]nnual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Iesu nas partes da India Oriental, & em algu[m]as outras da conquista deste reyno nos annos de 604 & 605... Em Lisboa: impresso por Pedro Craesbee[ck], 1607. [2], 158 f.; Quarto (20 cm).

V.T.-20-6-7 (outros ex. V.T.-20-6-8; 1-11-13-57)

GIRÃO, João Rodrigues, 1558-1633 Litterae Iaponicae anni MDCVI... Antuerpiae: Ex Officina Plantiniana: apud Viduam et Filios Io. Moreti, 1611. 201, [3] p.; 12.º (15 cm). Ricci, Matteo, 1552-1610, coaut. • R-72-4

GUERREIRO, Fernão, S.J., 1550-1617. Relaçam ann[u]al das cousas que fezeram os padres da Companhia de Jesus nas partes da India Oriental, & em algu[m]as outras da conquista deste Reyno no anno de 606 & 607... Em Lisboa: impresso co[m] licença por Pedro Crasbeeck, 1609. [2], 204 f.; Quarto (19 cm). V.T.-8-2-6 (outros ex. V.T.-20-6-11 e 1-11-13-58)

GUERREIRO, Fernão, S.J., 1550-1617. Relaçam ann[u]al das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Jesus, nas partes da India Oriental, & em algu[m]as outras da conquista deste Reyno nos annos de 607 & 608... Em Lisboa: por Pedro Crasbeeck, 1611. [4], 344 f.; Quarto (19 cm). V.T.-20-6-12 (outro ex. 1-11-13-59)

TRIGAULT, Nicolas, 1577-1628. Rei christianae apud Iaponios commentarius ex litteris annuis Societatis Iesu annorum 1609, 1610, 1611, 1612 collectus. Augustae Vindelicorum: apud Christophorum Mangium, 1615. [12, 4 br.], 296 [i.e. 298], [2] p.; Oitavo (15 cm). 1-11-13-67

RELATIONE di alcune cose cavate dalle lettere scritte ne gli anni 1619, 1620 & 1621 dal Giappone ... In Roma: per l'Erede di Bartolomeo Zannetti, 1624. 232 p.; Oitavo (15 cm). • 1-11-13-61

COSTA, Manuel da, 1541-1604 Rerum a Societate Iesu in Oriente gestarum volumen: in quo haec ferme continentur ... epistolarum liber I: De Japonicis rebus ad annum usque MDLXV... Neapoli: apud Horatium Salvianum, 1573. 236, [2] f.; Quarto (21 cm). • 1-12-2-53

CHINA

ALBUQUERQUE, Afonso [Brás de], 1500-1580

Commentarios do grande Afonso Dalboquerque [sic], capitam geral que foy das Indias Orientaes em tempo do muito poderoso Rey dom Manuel, o primeiro deste nome: nouamente emendados & acrescentados pelo mesmo auctor, conforme às informações mais certas que agora teve: vão repartidos em quatro partes segundo o tempo dos acontecimentos de seus trabalhos. Em Lisboa: impresso por Ioão de Barreira, 1576. J.F.-38-4-26

ANVILLE, Jean Baptiste Bourguignon d', 1697-1782 Géographie ancienne abrégée ... A Paris: Chez Merlin, Libraire, rue de la Harpe, à l'Image Saint Joseph, 1768. 1-6-9-126/128

BARROS, João de, 1496-1570 Asia [primeira - terceira decada] de Joam de Barros dos fectos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente. Em Lisboa: Impressa per Germão Galharde, 1552-[1563]. • R-55-12/12 A

BARROS, João de, 1496-1570 Decada primeira [-terceira] da Asia de João de Barros: dos feitos que os portugueses fizeram do descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente ... Em Lisboa: Impressa per Iorge Rodriguez: aa custa de Antonio Gonçalvez mercador de livros, 1628. S.P.-Ab-14-13

BAUDIER, Michel, 1589?-1645 Histoire de la Cour du Roy de la Chine. In: Histoire generale du serraïl, et de la cour du Grand Seigneur, Empereur des Turcs. [Rouen: chez Iean Berthelin, 1642]. • 4-1-12-9

BEAUVOIR, Ludovic Hébert, 1846-1929 Voyage autour du monde: Java, Siam, Canton. Douzième édition. Paris: E. Plon et Cie, 1878. 7-58-11-10

BEAUVOIR, Ludovic Hébert, 1846-1929 Voyage autour du monde: Pékin, Yeddo, San Francisco. Onzième édition. Paris: E. Plon et Cie, 1878. 7-58-11-10

BERGERON, Pierre, 15—1637 Voyages faits principalement en Asie dans les XII, XIII, XIV, et XV siecles par Benjamin de Tudele, Jean du Plan-Carpin, N. Ascelin, Guillaume de Rubruquis, Marc Paul Venitien, Haiton, Jean de Mandeville, et Ambroise Contarini accompagnés de l’histoire des Sarasins et des Tartares, et precedez d’une introduction concernant les voyages et les nouvelles découvertes des principaux voyageurs. A La Haye: Chez Jean Neaulme, 1735. 1-6-6-4/5

BLAEU, Joan, 1596-1673 Atlas mayor, sino Cosmographie Blaviana... Amsterdam: Juan Blaeu, 1659-1672. [Novus Atlas Sinensis] S.P.-Af-11-1/5 S.P.-Af-12-1/5

BOYER, Jean-Baptiste de, Marquês de Argens Lettres chinoises ou Correspondance philosophique, historique et critique, entre un chinois voyageur à Paris et ses correspondans à la Chine, en Moscovie, en Perse et au Japon. Nouvelle édition, augmentée de nouvelles lettres. A La Haye: Chez Pierre Gosse, 1751. J.F.-55-1-25/29

CARDIM, António Francisco, S.J., 1596-1659 Relação da gloriosa morte de quatro embaixadores portuguezes, da cidade de Macao, com sincoenta [sic], & sete christãos da sua companhia, degolâdos todos pella fee de Christo em Nangassaqui, cidade de Jappaõ, a tres de Agosto de 1640. Com todas as circunstancias de sua embaixada, tirada de informaçoe [n]s verdadeiras, & testemunhas de vista. Em Lisboa: na officina de Lourenço de Anveres, 1643. R-39-8 • V.T.-6-6-16

CASTANHEDA, Fernão Lopes de, 1500- 1559 História do descobrimento e conquista da India pelos portugueses. Coimbra: por João de Barreira: [João Aluarez], 1552-[1561]. V.T.-18-9-2

CASTANHEDA, Fernão Lopes de, 1500-1559 Histoire de Portugal: contenant les entreprises, navigations, & gentes memorables des Portugallois, tant la co[n]queste de Indes Orientales par eux descubertes, qu’és guerres d’Afrique & autres exploits, depuis l’an mil quatre cens nonâte six, jusques à l’an mil cinq cens septante huit, sous Emmanuel premier, Jean troi-siesme, & Sebastian premier du nom. Comprinse en vingt livres, dont les douze premiers sont traduits du latin de Jerosme Osorius, Evesque de Sylves en Algarve, les huitz suivans prins de Lopez de Castagnede & d’autres historiens ; Nouvellement mise en françois, par S.G.S... [Pariz]: de l’imprimerie de François Estienne: pour Antoine Chuppin, 1581. 1-15-14-267

CENTENO, Amaro, fl. 15– Historia de Cosas del Oriente primera y segunda parte: Contiene una descripción general de los Reynos de Assia [sic] con las cosas mas notables dellos. La Historia de los Tartaros y su Origen y principio. Las cosas del Reyno de Egipto. La Historia y sucessos del Reyno de Hierusalem. En Cordoba: en casa de Diego Galvan: A costa de Miguel Rodriguez mercader de libros y se venden en su casa, 1595. V.T.-20-7-23

COMPANHIA DE JESUS AVVISI della Cina deii’ottantatre, et del ottantaquattro. In: Avvisi del Giapone degli anni MDLXXXII, LXXXIII et LXXXIV con alcuni altri della Cina dell’ LXXXIII et LXXXIV cauati dalle letter della Campagnia di Giesù ricevute il mese di Dicembre 1585. Roma: per Francesco Zanetti, 1586. 1-11-7-52

COMPANHIA DE JESUS Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreverão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa, desde anno de 1549 até o de 1580: primeiro [-segundo] tomo ... Em Euora: por Manoel de Lyra, 1598. V.T.-18-9-17/18

COMPANHIA DE JESUS, Pequim Brevis relatio eoru[m], quae spectant ad Declarationem Sinaru[m] Imperatoris Kam Hi circa Caeli, Cumfucii, et avoru[m] cultu[m], datam anno 1700. Accedunt primatu[m], doctissimoru[m]q[ue] viroru[m], et antiquissimae Traditionis testimonia. Operâ PP. Societ. Jesu Pekini pro Evangelii propagatione laborantium. [1ª edição]. [Pekini: Societas Jesv, 1701]. [122] f. ; 4° (22 cm) Cofre 39

COMPANHIA DE JESUS, Pequim Informatio pro veritate contra iniquiorem famam sparsam per Sinas cum calumnia in PP. Soc. Jesu, & detrimento missionis co[m]municata missionariis in Imperio Sinensi anno 1717. [1ª edição]. [Pequim ou Cantão: Companhia de Jesus, ca. 1717]. [95] f. ; 4° (27 cm) Cofre 40

COSTA, Manuel da, S. J, 1531-1604 Rerum a societate Iesu in Oriente gestarum ad annum usque à Deipara Virgine MDLXVIII commentarius Emanuelis Acostae... recognitus, & latinitate donatus ; Accessere De Iaponicis rebus epistolarum libri IIII, item recogniti, & in latinum ex Hispanico sermone conversi [Ioan. Petrus Maffeius]. Dilingae: Apud Sebaldum Mayer, 1571. V.T.-20-8-6

COUPLET, Phillipe, 1662-1693 Historia de una gran señora, christiana de la China, llamada doña Candida Hiú. En Madrid: En la Imprenta de Antonio Roman, 1691. 4-2-24-3

CRUZ, Gaspar da, ?-1570 Tractado em que se co[n]tam muito

por este [n]so as cousas da China co[m] suas particularidades e assi do reyno d’Ormuz ... Evora: em casa de Andre de Burgos, 1569. V.T.-18-7-20

CUBERO SEBASTIÁN, Pedro, 1640-1697 Peregrinacion que ha hecho de la mayor parte del mundo Don Pedro Cubero Sebastian. Zaragoza: por Pasqual Bueno, 1688. 4 A-32-22-14

DIAS, Manuel, 1559-1639 Relazione delle cose piu notabili scritte ne gli anni 1619, 1620 & 1621 dalla Cina. In Roma: per l’Erede di Bartolomeo Zannetti, 1624. 1-11-13-61

DU HALDE, Jean-Baptiste, 1674-1743 Description géographique, historique, chronologique, politique, et physique de l’empire de la Chine et de la Tartarie chinoise. Paris: P. G. Le Mercier, 1735. 1-23-6-206/209

FERREIRA, António Fialho, fl. 164- Relaçam da viagem, que por ordem de S. Mg.de fez Antonio Fialho Ferreira, deste reyno à cidade de Macao na China e felicissima aclamaçam de S. M. el Rey nosso senhor Dom João o IV ... na mesma cidade, & partes do sul. [Lisboa]: Na officina de Domingos Lopes Rosa, 1643. V.T.-16-7-45

GALVÃO, António, 1490?-1557 Tratado dos descobrimentos antigos, e modernos, feitos até a era de 1550... Lisboa Occidental: na Officina Ferreiriana, 1731. V.T.-17-5-12

GALVÃO, António, 1490?-1557 Tratado que compôs o nobre & notavel capitão Antonio Galvão, dos diueros & desvayrados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta & especearia veyo da India às nossas partes & assi de todos os descobrimentos antigos & modernos que são feitos até

a era de mil & quinhentos & cincoenta... [Lisboa], Rua de Sã[o] Mamede: em casa de Ioam da Barreira, 15 Dezembro 1563. R-14-4

GOUVEIA, António de, 1592-1677 Innocentia victrix sive Sententia Comitiorum Imperii Sinici Pro innocentia Christianae religionis lata juridicè per annum 1669. & iussu R.P. Antony de Gouvea Soc. [ietat]is Jesu, ibidem V. Provincialis Sinico-Latinè exposita. In Quam Cheu metropoli provinciae Quam tum in Regno Sinarum [i.e. Guangzhou, Cantão]: [s.n.], 1671. [2], 43 f. ; 2º pequeno (29 cm) Cofre 38

GUERREIRO, Fernão, S.J., 1550-1617 Historia y anal relacion de las cosas que hizieron los padres de la Compañia de Iesus, por las partes de Oriente y otras, en la propagacion del Santo Evangelio, los años passados de 607 y 608. En Madrid: En la Imprenta Real: vendese en casa de Iuan Hasrey, 1614. 1-12-3-100

GUERREIRO, Fernão, S.J., 1550-1617 Relaçam annual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Jesus na India, & Japão nos annos de 600 & 601 & do processo da conversão, & christandade daquellas partes, tirada das cartas gêraes que de lâ vierão pello Padre Fernão Guerreiro ... Vai dividida em dous livros, hum das cousas da India, & outro do Iapam. Em Evora: por Manoel de Lyra, 1603. • V.T.-20-6-10

GUERREIRO, Fernão, S.J., 1550-1617 [Rel]açam [a]nnual das cousas que fizeram os padres da Companhia de Iesu nas partes da India Oriental, & em algu[m]as outras da conquista deste reyno nos annos de 604 & 605 & do processo da conuersam & christandade daquellas partes. Tirada das cartas dos mesmos padres que de la vieram ... Vay dividida em quatro livros, o primeiro de

Iapam, o segundo da China, terceira da India, quarto de Ethiopia & Guinë. Em Lisboa: impresso por Pedro Craesbee[ck], 1607. V.T.-20-6-7

GUERREIRO, João Tavares de Velez, fl. 1718 Jornada, que Antonio de Albuquerque Coelho, Governador, e Capitão General da cidade do nome de Deos de Macao na China, fez de Goa até chegar à dita cidade no anno de 1718: dividida em duas partes. Lisboa Occidental: Na Officina da Musica: vendese na mesma Officina, 1732. RB-23-37

HAY, John, 1546-1607 De rebus Iaponicis, Indicis, et Peruanis epistolae... Antuerpiae: ex officina Martini Nutii, ab insigne duarum Ciconiarum, 1605. • 1-11-13-60

HUDSON, Henry, 15—1611 Descriptio ac delineatio Geographica detectionis freti sive Transitus ad occasum suprâ terras Americanas, in Chinam atq[ue] Iaponem ducturi recens investigati... cum descriptione Terrarum Samoiedarum, & Tingoeriorum, in Tartariâ ad Ortum Freti Waygats sitarum, nuperq[ue] sceptro Moscovitarum adscitarum. Amsterodami: ex officina Hesselii Gerardi, 1613. 1-6-11-304

KIRCHER, Athanasius, 1602-1680 China monumentis qua sacris qua profanis, nec non variis naturae & artis spectaculis, aliorumque rerum memorabilium argumentis illustrata. Amstelodami: apud Joannem Janssonium, 1667. 1-22-14-208

LA HARPE, Jean François de, 1739-1803 Abrégé de l’histoire générale des voyages: contenant ce qu’il y a de plus remarquable, de plus utile & de mieux avéré dans les pays où les voyageurs ont pénétré, les moeurs des

habitans, la religion, les usages, arts & sciences, commerce, manufactures, enrichie de cartes géographiques & de figures. A Paris: Hôtel de Thou, rue des Poitevins: chez Laporte, rue des Noyers: chez Moutardier, imprimeur-libraire, quai des Augustins, n° 28, 1780-[1801] J.F.-63-2 A-1/10

LINSCHOTEN, Jan Huygen van, 1563-1611 Histoire de la navigation de Jean Hugues de Linschot hollandois, aux Indes Orientales: contenant diverses descriptions des lieux jusques à present decouverts par les Portugais: observations des coustumes & singularitez de delà, & autres declarations. Avec annotations de B. Paludanus ... sur la matiere des planches & especeries. Item quelques cartes geographiques, & autres figures. Deuxiesme [sic] edition augmentee. A Amsterdam: chez Jean Evertsz Cloppenburch marchand libraire, demeurant sur le Water à la Bible Doree, 1619. V.T.-7-7-4

LINSCHOTEN, Jan Huygen van, 1563-1611 Histoire de la navigation de Iean Hvgves de Linschot Hollandois, aux Indes Orientales: contenant diverses descriptions des lieux iusques à present decouverts par les Portugais. Observations des coustumes & singularitez de delà, & autres declarations. Avec annotations de B. Paludanus ... sur la matiere des planches & especeries. Item quelques cartes geographiques, & autres figures. Troixiesme edition augmentee. A Amsterdam: chez Evert Cloppenburgh, Marchand libraire, demeurant sur le water à la Bible Doree, 1638. .-Pt. 2: Le grand routier de mer, de Iean Hugues de Linschot Hollandois ... Le tout fidelement recueilli des memoires & observations des pilotes espagnols & portigais. Et nouvellement traduit de flameng en françois. -Pt. 3: Description de l’Amerique & des parties d’icelle, comme de la Nouvelle France, Floride, des Antilles, Iucaya,

Cuba Iamaica, &c... Avec Carte géographique de l’Amerique Australe, qui doit estre inseree en la page suivante. 1-6-23-551 MAFFEI, Giovanni Pietro, S.J., 1533-1603 Historiarum indicarum libri XVI. Florentiae: apvd Philippum Iunctam, 1588. 4 A-2-4-8 S.P.-Z-14-3

MANESSON-MALLET, Allain, 1630?-1706? Description de l’univers: contenant les differents systêmes du monde, les cartes generales & particulieres de la geographie ancienne & moderne: les plans & les profils des principales villes & des autres lieux plus considerables de la terre, avec les portraits des souverains qui y commandent, leurs blasons, titres & livrées et les moeurs, religions, gouvernemens & divers habillemens de chaque nation . A Paris (rue S. Jacques, à l’enseigne de la Ville de Paris, devant la rue du Plâtre): chez Denys Thierry, 1683. 1-(c)-10-4 (Vol. 2) 1-6-11-298 (Vol. 2)

MAGALHÃES, Gabriel de, 1609-1677 Nouvelle relation de la Chine contenant la description des particularités les plus considérables de ce grand empire composée en l’année 1668. Paris: Claude Barbin, 1688. V.T.-7-6-20

MANDELSLO, Johann Albrecht von, 1616-1644 Voyages celebres et remarquables, faits de Perse aux Indes Orientales. Par le Sr. Jean-Albert de Mandelslo ... contenant une description nouvelle & très-curieuse de l’Indostan, de L’Empire du Grand Mongol, des Iles & Presqu’iles de l’Orient, des Royaumes de Siam, du Japon, de la Chine, du Congo, &c. ... ; Mis en orde & publiez, après la mort de l’illustre voyageur, par le Sr. Adam Olearius, ... ; Traduits de l’original par le Sr. A. de Wicquefort ... Nouvelle edition revûe et corrigée exactement, augmentée considerablement ... A

Amsterdam: chez Michel Charles Le Céne, libraire, 1727. 1-6-23-550

MOREIRA, João Marques, fl. 1644 Relação da magestosa, misteriosa, e notavel aclamaçam, que se fez a Magestade d’el Rey Dom Ioam o IV ... na cidade do nome de deos do grande Imperio da China, & festas, que se fizeraõ pellos senhores do governo publico, & outras pessoas particulares . Em Lisboa: Na Officina de Domingos Lopes Roza, 1644. V.T.-16-7-58

ORDÓÑEZ DE CEBALLOS, Pedro, 1545?-1630 Viage del mundo. Madrid: por Luis Sanchez, 1614. 4 A-29-7-21 S.P.-B-12-18

ORTELIUS, Abraham, 1527-1598 [Theatrum orbis terrarum] [material cartográfico]. [Editio ultima]. [Antuerpiae: apud Ioannem Bapt. Urintium: typis Roberti Bruneau, 1603]. R-70-11/12

PINTO, Fernão Mendes, 1514?-1583 Peregrinaçam de Fernam Mendez Pinto, em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouuio no reyno da China, no da Tartaria , no do Sarnau, que vulgarmente se chama Sião, no do Calaminhan, no de Pegû, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhu[m]a noticia. E tambem da conta de muytos casos particulares que acontecerão assi a elle como a outras pessoas. E no fim della trata breuemente de algu[m]as cousas, & da morte do santo Padre mestre Francisco Xavier, unica luz & resplandor daquellas partes do Oriente, & Reytor nellas universal da Companhia de Iesus. Em Lisboa: por Pedro Crasbeeck: a custa de Belchior de Faria, 1614. V.T.-9-7-1

PRÉVOST, Antoine François, 1697-1763
Histoire generale des voyages, ou Nouvelle collection de toutes les relations de voyages par mer et par terre. Paris: chez Didot, 1748-1789. 4 A-11-1-1/10

RELATIONS de divers voyages curieux, qui n’ont point esté publiées, ou qui ont esté traduites d’Hacluyt, de Purchas, et d’autres voyageurs Anglois, Hollandois, Portugais, Allemands, Espagnols et de quelques Persans, Arabes et autres auteurs orientaux. A Paris: De l’imprimerie de Jacques Langlois: Chez Gaspard Meturas pere et fils ... [et al.], 1663-[1672] 1-6-24-587/588

RICCI, Matteo, 1552-1610
Litterae Chineses anni MDCVI & MDCVII. In: GIRÃO, João Rodrigues -Litterae Iaponicae anni MDCVI Chinenses anni MDCVI et MDCVII. Antuerpiae: Ex Officina Plantiniana, apud Viduam et Filios Io. Moreti, 1611. R-72-4

ROUGEMONT, François de, 1624-1676
Relaçam do estado politico e espiritu-al do Imperio da China pellos annos de 1659 até o de 1666, escrita em latim pello P. Francisco Rogemont ... traduzida por hum religioso da mesma Companhia de Jesus. Lisboa: na officina de Joam da Costa, 1672. V.T.-8-2-5 V.T.-17-10-1

SANDE, Duarte de, 1531-1600
De missione legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam, rebusque in Europa, ac toto itinere animadversis Dialogus ex ephemeride ipsorum legatorum collectus; & in sermonem latinum versus ab Eduardo de Sande Sacerdote Societatis Iesu. In Macaensi portu Sinici: in domo societatis Iesu, 1589. R-13-17

SEMEDO, Álvaro, S.J., 1586-1658
Histoire universelle de la Chine avec

l’Histoire de la Guerre des Tartares contenant les revolutions arrivées en ce Grand Royaume depuis quarente ans par le P. Martin Martini. Lyon: Hierosme Prost, 1667. V.T.-8-2-8

SEMEDO, Álvaro, S.J., 1586-1658
Imperio de la China i cultura evangelica en èl por los religiosos de la compañía de Iesus. Madrid: Iuan Sanchez, 1642. V.T.-8-2-3

SEMEDO, Álvaro, S.J., 1586-1658
Relatione della grande monarchia della China. Romae: Hermannus Scheus, 1643. V.T.-8-2-4

SONNERAT, Pierre, 1748-1814
Voyage aux Indes Orientales et a la Chine: fait par ordre du roi, depuis 1774 jusqu’en 1781. Dans lequel on traite des mœurs de la religion, des sciences & des arts des Indiens, des Chinois, des Pégouins & des Madégasses; suivi d’observations sur le cap de Bonne-Espérance, les isles de France & de Bourbon, les Maldives, Ceylan, Malacca, les Philippines & les Moluques, & de recherches sur l’histoire naturelle de ces pays. A Paris: chez l’Auteur, rue Saint André-des-Arts, vis-à-vis la rue de l’Épe-ron, maison de M Ménilsier, Marchand d’etoffes de soies ... [et al.], 1782. S.P.-Q-13-11 1-6-21-434/435

SOUSA, Manuel de Faria e, 1590-1649
Asia portuguesa. Lisboa: En la officina de Bernardo da Costa Carvalho, 1666-1675. S.P.-Ac-5-1/3

SOUSA, Francisco de, S.J, 1649-1712
Oriente conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Goa. Lisboa: na Officina de Valentim da Costa Deslandes, 1710. V.T.-10-7-9

STAUNTON, George, 1737-1801
Voyage dans l’intérieur de la Chine, et

en Tartarie fait dans les années 1792, 1793 et 1794 par Lord Macartney. Seconde edition, augmentée d’un précis de l’histoire de la Chine par le traducteur, et du Voyage en chine et en Tartarie de J. C. Huttner, traduit de l’allemand par le même traducteur. A Paris: Chez F. Buisson, Imprimeur-libraire, rue Hautefeuille, no 20,|cAn 7 de la Republique [i.e. 1799] RB-2-47/51

TRIGAULT, Nicolas, 1577-1628
De christiana expeditione apud sinas suscepta ab Societate Iesu. Lugduni: sumptibus Horatii Cardon: [ex typographeo Ioannis Iullieron], 1616. 1-8-3-206

TRIGAULT, Nicolas, 1577-1628
Rei christianae apud Iaponios commentarius ex litteris annuis Societatis Iesu annorum 1609, 1610, 1611, 1612. Augustae Vindelicorum: apud Christophorum Mangium, 1615. 1-11-13-67

VEIGA, Manuel da, S.J., 1566-1647
Relaçam geral do estado da christandade de Ethiopia ... & do que de nouo socedeo no descobrime[n]to do Thybet, a que chamam, gram Catayo. Composta, e copiada das cartas que os Padres da Companhia de Iesu, escreveram da India Oriental dos annos de 624, 625 & 626 pelo Padre Manoel da Veiga ... Em Lisboa: por Mattheus Pinheiro, 1628. V.T.-6-6-11

Manuscritos

COMPANHIA DE JESUS
Libro segundo do noviciado de Arroyos da Comp.^a de Jesus en que se responde a las principales dudas, y dificultades, que algunos religiosos han hallado en el modo de doctrinar, que la Comp.^a de IHS usa en la gran China [manuscrito]. [s.d.] • Ms. 197

COMPANHIA DE JESUS.
Missão da China
Notícia do estado em que se achava a

cidade de Macao, e missoens da China no anno de 1687 [manuscrito]. [2] f.: papel ; 297x192 mm. f. 223v-225. Ms. 510

IGREJA CATÓLICA. Bispo de Pequim, 1751-1808 (Alexandre de Gouveia)
Extractum epistolae Ex.mi ac R.mi Episcopi Pekinensis ad Ill.mo ac R.mo D. Episcopum Coradrensem [manuscrito]. [Pequim, 15 de Agosto de 1797]. [16] f.: papel ; 214x150 mm. f. 117-133. Ms. 3010

MAILLARD DE TOURNON, Charles Thomas, 1668-1710
Relaçã sincera e verdadeira do que fez, pretendeu, e occasionou na Missão da China, e em Macao o Patriarcha de Antiochia Carlos Thomas Maillard de Tournon, commissario e visitador apostólico com poderes de legado à late-re desdo principio de Abril de 1705 ate o fim do anno 1707 [manuscrito]. [170-?]. Ms. 1170

MAILLARD DE TOURNON, Charles Thomas, 1668-1710
Relaçam sincera, e verdadeyra do q[ue] fez, pertendeo, e occasionou na Missam da China o Patriarcha de Anteochia Carlos Thomaz Maillard de Tournon, commissario, visitador apostolico com poderes de legado a latere tirada dos actos Pekinenses, revestidos, e mandados pelo Imp.or da China Kanali ao Papa Clemente XI, e de outros escritos de testemunhas oculares fide dignissimas [manuscrito]. Composta por hu[m] Missionario da China ... ; vertida da lingua latina na portugueza. [Goa, 1708]. [6, 143] f.: papel ; 202x140 mm. Ms. 195

MEMORIA do presente, q[ue] ElRey nosso senhor, neste anno de 1725 manda ao Imperador da China pello Embai[xador] o D.or Dez.or Alexandre Metello de Souza Menezes [manuscrito]. [2] f.: papel ; 304x210 mm. f. 456-457. Ms. 677

MENESES, Alexandre Metelo de Sousa e, 1687-1766
[Carta de Alexandre Metello de Souza Menezes para D. Lázaro Leitão Aranha] [manuscrito]. Macau , 13 de Novembro de 1726. [2] f.: papel ; 310x214 mm. f. 417. Ms. 677

PARRENIN, Dominique, 1665-1741
[Rellação da Embaxada de Portugal na Corte da China, em que foi embaixador Alexandre Metello de Souza e Menezes, escripta em Pequim pello P.e Domingos Parrenim ... Missionario da Comp.^a de Jezus, e o de mayor autoridade e letras que rezidem no Imperio da China...] [manuscrito]. [17-]. [15] f.: papel ; 303x200 mm. f. 67-81. Ms. 502

PEDRINI, Teodorico, 1671-1746
Relatio de quibusdam actis per Dnum Pedrini in Curia Peknensi, quae in Archivio Imperiali seruantur ex sínico idiomate in latinum fideliter versa [manuscrito]. [Pequim, 1715]. [13] f.: papel ; 305x220 mm. f. 147-204 Ms. 675

PORTUGAL. Rei, 1683-1706 (Pedro II)
Parecer que S. Madg.e me md.ou dar, e foi por mãos do Secret.^o de Estado sobre se responder a hum memorial do Nuncio no qual dá p.te de S. Santid.e se se quer a S. Magestade, q[ue] deixe passar á China os Vigr.os Apostolicos, e Missionarios q[ue] a Congregação de propaganda nomear ... [manuscrito]. Lisboa, 20 de Maio de 1695. [3] p.: papel ; 312x218 mm. p. 246-248. Ms. 548

SUMARIO dos lugares, portos, e partes mais notaveis da Índia Oriental, comessando do Cabo de Boa Espreança ate o porto de Macao na China [manuscrito]. [8] f.: papel ; 215x155 mm. f. 125-132. Ms. 148

**
IGREJA CATÓLICA. Bispo de Funai, 1592-1598 (Pedro Martins)

Consulta do V.^a Prov.al da Companhia no Japão com os Reitores da m.ma a instancias do Bp.^o D. Pedro M[art] iz., q[ue] chegou da China a este seu Bp.do, sobre a sua permanência, ou retirada [manuscrito]. 14(?) de Março de 1597. [9] f.: papel ; 352x235 mm. p. 336-344. Ms. 704

GUALTIERI, Guido, séc. 16.
Relationi della venuta degli ambasciatori giaponesi à Roma sino alla partita di Lisboa. Con le accoglienze fatte loro da tutti i principi christiani, per dove sono passati. [In Roma: per Francesco] Zannetti, [1586]. R-5-11

RAMUSIO, Giovanni Battista, 1485-1557
Primo volume, & seconda editione delle navigationi et viaggi: in molti luoghi corretta, et ampliata, nella quale si contengono la descrizione dell’Africa, & del paese del Prete Ianni, con varii viaggi, dalla Città di Lisbona, & dal Mar Rosso à Calicut, & infin’ all’ isole Molucche, doue nascono le Spetiere, et la Nauigatione attorno il mondo: Aggiuntoui di nuouo La Relatione dell’ isola Giapan, nuovamente scoperta nella parte Settentrione. Alcuni capitoli apparteneti alla Geographia estratti dell’ Historia del S. Giovan di Barros Portoghese. Tre Tauole di Geographia in desegno, secondo le carte da navigare de Portoghesi, et fra terra secondo gli scrittori che si contengono in questo volume. Un’ indice molto copioso, delle cose di Geographia, costumi, spetierie, et altre cose notabili, che in esso si contengono. In Venetia: nella Stamperia de Giunti, 1554. 1-6-14-471

Se em 1964 era apenas título de um livro publicado por Umberto Eco, desde então tornou-se uma expressão de uso corrente, uma espécie de oposição quase proverbial.

Originalmente, o escritor propunha a divisão das reações perante a cultura de massas e as indústrias culturais nas duas categorias referidas: de um lado, os primeiros, que consideravam que a massificação da produção e consumo constituíam a perda da essência da criação artística; do outro, os que acreditavam estar-se perante enormes avanços civilizacionais, de uma efetiva e criadora democratização da cultura.

Viver noutra língua, entre margens daquele que não é o nosso país e sem dicionários de outro coração, pode erguer desafios e confundir mentalidades. Pedimos então a dois itinerantes – um Ocidente no Oriente e um Oriente no Ocidente para descreverem que caminhos – e com que mapas emocionais – percorreram os lados opostos dos seus mundos. Este foi o resultado.

69

RL #39 | AO LARGO
APOCALÍPTICOS
E INTEGRADOS



Posta-Restante

JOAQUIM MAGALHÃES DE CASTRO *

Antes da generalização do correio eletrônico, quem viajava recorria com bastante frequência a um serviço postal atualmente pouco ou nada utilizado. Falo da Posta-Restante. E foi em busca da Posta-Restante que nos primeiros meses de 1990 desaguei em Macau, até porque os ventos há muito me empurravam para o Oriente. Nunca tive qualquer intenção de viver no território, quando muito, uma remota curiosidade. Pelo caminho, deram-me uma direção, falaram-me do bom vinho e da boa comida, mas, para ser sincero, confesso que fui parar a Macau, sobretudo porque ansiava ler a correspondência que ali esperava encontrar, abundante se possível, nas caixas da dita Posta-Restante.

Cheguei um mês depois do que estava planeado, e por isso mesmo, as cartas que me eram endereçadas já tinham sido devolvidas ao remetente. Também não encontrei a Macau romântica de que estava à espera, e, em vez disso, bati com o nariz contra os prédios enjaulados da Areia Preta. Paciência. Não fui o primeiro nem o último a ter essa ilusão. Creio bem que o mito da Macau colonial perduraria por mais algum tempo ainda, agora que a baía da Praia Grande é carta postal de outros tempos e o céu se vê cada vez mais por entre as nesgas que autorizam as torres da economia “casineira” de grande sucesso, excelentes para bater com a cabeça, diga-se de passagem. Mas, em Macau, havia coisas bem mais duras para o efeito. Tentasse eu, por exemplo, bater contra a orgulhosa mesquinhez e vistas curtas de muitos dos portugueses que ali habitavam, ou contra a intransponível muralha de betão dos chineses.

Entrei pelas Portas do Cerco, depois de gastos os últimos cartuchos, em Cantão, de uma viagem de quatro anos pelo mundo que terminaria no Extremo Oriente. Os primeiros narizes compridos com quem deparei no serviço de imigração do lado chinês eram meus patrícios. Nem precisei de os ouvir falar. Bastou-me sentir o modo como me olhavam para tirar essa conclusão. É certo que não estava propriamente apumado para a missa de domingo, mas só quem tenha verdadeiramente viajado na China dessa época é que sabe das agruras dos comboios à pinha e dos solavancos e poeira nas caixas de camiões. Mas os caros compatriotas, dando provas de grande falta de educação, olharam-me da cabeça aos pés, descaradamente, como quem olhava um extraterrestre. E, julgando-me estrangeiro, comentaram. Devo confessar: fiquei triste. A alegria



Fotografia: Joaquim Magalhães de Castro

inicial pelo facto de estar a escutar pela primeira vez, em quase dois anos, a língua materna, depressa se desvaneceu. Só voltaria a esboçar um sorriso quando vi anunciada a “sopa de fitas” num néon de um tasco chinês. Não hesitei. Entrei, comi e gostei de ali ficar. Afinal, sempre tinha valido a pena ter escolhido Macau para Posta-Restante.

Para mim, com formação na área de História de Arte e Arqueologia, assumido viajante-investigador, a jornada assume valor inestimável sempre que se abeira do musgo das fortalezas e igrejas que a história perpetuou, ou dos artefactos e costumes, que embora não sendo os nossos, a eles se assemelham enormemente, malgrado o fosso geográfico sempre presente. Não tenho qualquer problema em integrar-me nas diferentes realidades com que me confronto. Mais, sinto-me nelas como peixe na água.

O meu verdadeiro Adamastor é outro...

Ao longo de muitos anos de deambulações fui, vezes sem conta, embaixador itinerante do meu país. Portugal, pioneiro quase sempre, teimosamente presente – apesar da perda do protagonismo – nos recônditos mais perdidos e inesperados do globo. Uma presença bem viva, não só nos vocábulos da língua mãe de inúmeros povos, mas também nas suas tradições, arquitectura, música, gastronomia, cultos religiosos ou nas recordações dos mais velhos. Apesar disso, e pese os 500 de permanência no Oriente, de viagens, rebeldias e desobediências por esse mar dentro somos tão conhecidos na Ásia moderna como o Luxemburgo que nunca saiu do colo da Europa.

Um panorama com tendência a perpetuar-se, pois infelizmente, ainda hoje certos temas, escritos e ilustrados, relativos a realidades que têm a ver com a nossa história ficam encalhados, à espera de um “buraco” nas redações de jornais e revistas conceituadas, onde dita regras um novo escol de cínicos inquisidores. Falo com conhecimento de causa. Poderia referir o boicote à informação que tinha em primeira mão acerca do legado português em todo o Golfo Pérsico ou a usurpação pelos holandeses do legado português deixado em Nagasáqui. Dois exemplos, entre muitos. Graças à apertada guarda destes novos zelotes, os portugueses continuam praticamente analfabetos no que ao período mais fértil da sua História diz respeito.

* Presidente da Associação Cultural para o Desenvolvimento e Cooperação de Macau

Ver para crer

AYANO SHINZATO*

百聞は一見にしかず

Talvez descrevesse uma impressão mais fresca e mais forte se me tivesse perguntado as dificuldades, as diferenças e o choque cultural na vivência em Portugal há 17 anos. Ou, hoje, poderia escrever uma lista de comparações de hábitos, costumes e mentalidades da sociedade e da vida quotidiana do povo português visto por uma estudante, através dos colegas de trabalho, família portuguesa, como mãe, ensinando japonês, etc.,... de diversas perspetivas, como fez o padre Luís Fróis na sua vida no Japão na segunda metade do século XVI, ao serviço da Companhia de Jesus, que escreveu importantes obras de japonologia incluindo o “Tratado das contradições e diferenças de costumes entre a Europa e o Japão”.

Quanto mais conheço Portugal, mais vejo semelhanças do que diferenças e chego sempre à mesma conclusão: “Todos diferentes, todos iguais”. Os portugueses são sérios, simpáticos, trabalhadores, envergonhados, bem-educados e curiosos, bem como os japoneses. No que diz respeito à cultura gastronómica, os dois países consomem muito arroz e produtos do mar. Há quem diga que até as cervejas são parecidas. Geograficamente, Portugal situa-se na orla da Europa; o Japão localiza-se no extremo Oriente, tendo sido ambos os países beneficiados com o mar.

Dou desde sempre importância a este provérbio japonês “郷に入れば郷に従え” (*gooni ireba gooni shitagae*), que em português significa: “Em Roma, faz como os Romanos”. Ao mesmo tempo tenho procurado divulgar as virtudes do Japão. Entretanto, Portugal tornou-se o meu segundo país e, como diz o provérbio “住めば都” (*sumeba miyako*), “com o hábito a vida torna-se confortável em qualquer parte”. Ainda hoje tenho muitas dificuldades, mas entendo-as como qualidades de Portugal. Uma vez escrevi que a natureza do cidadão “português mais japonês a dividir por dois, ficaria muito bem equilibrada”. Podemos aprender com os portugueses que esperam tranquilamente no café, tendo personalidade calma, flexibilidade e reagem tomando decisão de forma adequada. Enquanto os japoneses são controlados pela agenda preenchida pelos próprios, os portugueses, pelo contrário, dominam o tempo. Finalmente, hoje, podem ver-se canais de televisão às horas previstas na grelha de programação, os transportes cumprem os horários, podem fazer-se compras à hora do almoço ou ao fim de semana. A qualidade de vida aumentou, embora algumas características de Portugal estejam a desaparecer. Mesmo assim, ainda há diferenças substanciais na sociedade, na sensibilidade e na mentalidade. Quais são? Como? Como se diz no Japão: “百聞は一見にしかず” (*hyakubun wa ikken ni shikazu*), ou seja, “vale mais ver uma vez do que ouvir 100 vezes”. Em português seria: “ver para crer”. Deixo aqui um desafio para visitar o Japão e ver com os próprios olhos!

* Professora de Língua e Cultura Japonesas - Centro de Línguas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Associação de Antigos Alunos
da Universidade de Coimbra
em Macau • China

科英布拉大學中國澳門校友會

Alumni Association
of University of Coimbra
in Macau • China

CONTACTE: ANTIGOS-ESTUDANTES@UC.PT



Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.

Visite-nos em www.uc.pt/antigos-estudantes

Não deixe de nos contactar, caso necessite de algum esclarecimento adicional, ou para o estabelecimento de futuras colaborações:

REDE UC
Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra
Palácio dos Grilos
Rua da Ilha
3000-214 Coimbra
E-mail: antigos-estudantes@uc.pt
Tlf: +351 239 410 006

© UC • PIMC 2014

EACCS 2014

EUROPEAN ASSOCIATION
FOR CHINESE STUDIES

20th Conference
Braga/Coimbra
22-26 July 2014

*From the origins of Sinology to current interdisciplinary
research approaches:
Bridging the past and future of Chinese Studies*

www.eacs2014.pt



INSTITUTO CONFÚCIO
Universidade do Minho
米尼奧大學孔子學院



EUROPEAN
ASSOCIATION
FOR CHINESE
STUDIES

© UC • PIMC 2014